

Isolamento social altera a vida no interior da PB

Mesmo nas cidades onde ainda não existem casos confirmados de covid-19, população precisa se adaptar a uma nova rotina. [Página 7](#)

Foto: Arquivo pessoal



Atenção à saúde bucal mesmo na quarentena

Embora os procedimentos eletivos e estéticos devam ser adiados por causa da covid-19, casos de urgência devem ser tratados com toda a segurança. [Página 15](#)

Paraíba  GIRO NOS MUNICÍPIOS



Rio Tinto: uma cidade de espírito escandinavo

Fundada pelo filho de um sueco que veio parar no Brasil após uma decepção amorosa, Rio Tinto já teve o maior parque têxtil da América do Sul. [Página 8](#)

Foto: Arquivo pessoal



Gestantes da PB buscam a segurança do parto em casa

Com a pandemia de covid-19 e a necessidade de se evitar os hospitais, mulheres grávidas se sentem mais atraídas pelo parto domiciliar humanizado. [Página 5](#)

Entrevista

Foto: Divulgação/ UFPB



Na linha de frente
Reitora Margareth Diniz fala sobre as ações que vêm sendo desenvolvidas na UFPB para enfrentar a pandemia. [Página 3](#)



Foto: Ricardo Pupo/Secom-PB

Pioneirismo Paraíba foi o primeiro Estado do Brasil a criar uma Agência Estadual de Vigilância Sanitária, conta Jória Guerreiro. [Página 4](#)

Esportes

Fabiano Papel interrompe a temporada nos EUA

Após três títulos em sequência, lutador de jiu-jitsu voltou à Paraíba para cuidar dos pais, que estão no grupo de risco da covid-19. [Página 12](#)



Fotos: Divulgação



Cultura

O olhar feminino sobre Maria Bonita e o cangaço

Pesquisadora paraibana Nadja Claudino confronta a tradicional imagem que se tem da cangaceira, baseada em visões masculinas, e lança o livro *Maria Bonita: Entre o Punhal e o Afeto*. [Página 9](#)

Fique em casa.

É bom de cada um pensar em todo mundo.



Editorial

Conscientização

O que se faz necessário provar ainda para que milhares de pessoas, de todas as classes sociais e de todos os quadrantes do Brasil, tomem consciência da gravidade da pandemia do novo coronavírus? Não bastam as centenas de homens e mulheres, de várias faixas etárias, que todos os dias perdem a vida?

O descumprimento das medidas de segurança sanitária, como, por exemplo, o uso de máscaras de proteção em espaços públicos e, principalmente, evitar aglomerações desnecessárias é crime tipificado em diversos decretos governamentais, elaborados e postos em prática para deter a pandemia.

Os relutantes parecem seguir uma ordem que lhes chega por canais sobrenaturais. É como se expusessem seus corpos à doença para curarem-se logo, ignorando os riscos de entrar para as estatísticas da morte. As vítimas fatais da Covid-19, para essa gente, não habitavam o planeta Terra.

Milhares de famílias estão chorando seus mortos, pelo coronavírus, no momento em que se lê este texto. É grande o constrangimento de quem é infectado pelo vírus, dependendo do nível sintomático, mas passa por aflição muito maior quem necessita urgentemente de assistência médico-hospitalar.

É, acima de tudo, em respeito às vítimas e suas famílias que se torna obrigatório respeitar as normas de proteção contra o coronavírus. Cada pessoa é um transmissor em potencial do vírus, portanto não vale argumentar o direito de ir e vir e de andar como quiser, com ou sem máscara, com ou sem álcool em gel.

Já se disse milhares de vezes, por meio de várias formas de comunicação, que o isolamento social é muito importante para evitar um pico devastador da pandemia, em consequência do colapso da rede hospitalar. Quanto mais cuidado, menor as contaminações e, por tabela, menos vítimas fatais.

Não se pode absolutamente desconsiderar as situações de crise aguda vivenciadas por estados como Amazonas, Pará, São Paulo, Ceará e Pernambuco, por exemplo. É preciso colaborar, individual e coletivamente, para que o mal não se alastre em alta velocidade, pois isto significa mortes.

O tempo é de reflexão. De observar a vida real. E a vida real, no Brasil e no mundo, está sendo habitada por pessoas e coronavírus. Cabe a cada indivíduo impedir a nefasta associação de pessoas com esses microorganismos. Quanto mais longe uns dos outros, haverá menos sofrimentos e mais vidas serão salvas.

Crônica

Martinho Moreira Franco
martinhomoreira.franco@bol.com.br

A ver navios

Antigamente, todo dia era dia de índio. Aliás, ponham antigamente nisso, pois o título da canção de Jorge Ben Jor remete aos tempos da “terra brasilis”, antes, portanto, do Descobrimento. O autor, conforme a letra, pede a Curumim que chame Cunhatá para contar a história... mas essa é outra história. A verdade é que hoje só há no país um Dia do Índio, 19 de abril. E foi justo na data de 2020, domingo passado, que morreu no Rio de Janeiro, aos 89 anos de idade, o primeiro paraibano convocado para a Seleção Brasileira de Futebol, em 1954. Adivinhem o nome de guerra dele? Índio. Era o cidadão Aluísio Francisco da Cruz, nascido em Cabedelo a 1º de março de 1931, e que ganhou o apelido por causa da sua aparência física de traços claramente indígenas.

A morte do ilustre cabedelense passou em branco, de forma lamentável, no município em que nasceu. A não ser que esteja mal informado, não li, vi ou ouvi qualquer registro vindo da cidade portuária sobre o acontecimento. Desconheço inteiramente se Prefeitura ou Câmara Municipal ou qualquer outra instituição de lá se pronunciou a respeito do fato. A memória de Índio ficou a ver navios. Caso tenha havido alguma manifestação, peço desculpas. Só que também não tomei conhecimento de, no mínimo, uma nota de pesar da Federação Paraibana de Futebol. Nem sequer de menção à morte do atleta na mídia local, pelo menos na dimensão merecida. Foi como se o Índio não tivesse existido.

E como existiu! Além de ter sido o primeiro paraibano a vestir a amarelinha – com notável, e até decisiva, presença nas Eliminatórias de 1958 -, ele foi o décimo maior goleador do Flamengo: disputou 217 jogos e marcou 140 vezes. Ocupava posição de atacante titular na conquista rubro-negra do Tricampeonato Carioca de 1953, 54 e 55. Não era pouca coisa, não, em um clube no qual também brilhavam, ao longo da tríplice jornada, estrelas do brilho de Garcia, Tomires, Pavão, Servílio, Dequinha, Jordan, Joel, Rubens, Benitez, Esquerdinha, Evaristo, Dida e Zagalo, entre outros. Naquela época, o torcedor brasileiro escalava de cor o seu time preferido no Rio, inclusive eventuais substituições no elenco. Atualmente, duvido quem escale decorado até mesmo a Seleção. Oriundo do Bangu (RJ), em 1947, Índio jogaria ainda pelo Corinthians (SP) e pelo Espanyol, da Catalunha, antes de se aposentar no América carioca, em 1965.

E que notável (e até decisiva) participação teve o jogador no escrete nacional que ganhou pela primeira vez uma Copa do Mundo, em 58? Simplesmente, foi dele o gol do empate (1x1) contra o Peru que iniciou, em Lima, a classificação do Brasil para ir à Suécia (na partida de volta, no Maracanã, Didi marcou de falta o único gol do jogo). Ele já disputara a Copa de 54, na Suíça, e o Sul-americano de 1957, no Peru. No total, fez 10 gols em 5 jogos pela Seleção. Informa o jornalista Franco Ferreira, no site SóEsporte, que outros nove conterrâneos foram convocados para representar o Brasil em diferentes ocasiões: Assis Paraíba, Douglas Santos, Durval, Flávio Bilica, Hulck, Júnior, Marcelinho Paraíba, Mazinho e Rinaldo. Mazinho, nascido em Santa Rita, é o único campeão mundial (1994, nos Estados Unidos). Mas que Cabedelo e a própria Paraíba ficam devendo homenagens à memória de Índio, ficam, sim. Até porque tudo começou com ele.

/// Nem sequer houve menção à morte na mídia local, ao menos na dimensão merecida. Foi como se o atleta não tivesse existido ///

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

AS CONTRADIÇÕES DE BOLSONARO E A VELHA POLÍTICA: O QUE ELE DIZ NÃO SE ESCREVE



Foto: Divulgação

À esquerda e à direita, um sem-número de articulistas políticos do país, em tempos distintos, escreveu artigos em que afirmam a seguinte frase – ou algo nesse mesmo viés – em relação a Jair Bolsonaro (foto): “O que ele diz não se escreve”. E aí, elencaram um rosário de contradições que ecoam na oratória presidencial e que podem ser codificadas, de modo enviesado, na máxima popular: ‘Faça o que eu digo, não o que eu faço’. Bolsonaro elegeram-se com o discurso de que, ao chegar ao Palácio do Planalto, extirparia as velhas práticas políticas, entre as quais aquela expressada em outra máxima, relacionada à troca de cargos por apoio político no Congresso – a célebre ‘Toma lá, dá cá’. Porém, manteve o condenável expediente, negociando cargos com lideranças partidárias, isso desde o primeiro ano de governo, sendo que, agora, de modo mais escancarado, em tratativas com os partidos do Centrão, na tentativa de blindar-se contra eventuais movimentações no Congresso para lhe apear do poder. Há um vídeo da campanha de 2018 em que ele crava: “A política das indicações, do ‘toma lá, dá cá’, leva o estado à ineficiência e à corrupção. Isso, não poderemos admitir”. De fato, o que Bolsonaro diz não se escreve. É inacreditável.

LOTEAMENTO DE CARGOS

No domingo passado, quando discursou em ato no qual seus apoiadores defenderam intervenção militar e fechamento do Congresso, Bolsonaro voltou às bravatas: “Chega da velha política. O que tinha de velho ficou para trás. Nós não queremos negociar nada”. Semanas antes, porém, tinha negociado com PP, Republicanos, PSD e PL cargos em órgãos federais.

OS AQUINHOADOS

Ao PSD, Bolsonaro teria oferecido a Funasa, enquanto que ao PP, a Fundação Nacional de Desenvolvimento para a Educação (FNDE) e o Dnocs. O PL receberia o Banco do Nordeste e a Secretaria de Vigilância em Saúde. Já o Republicanos, seria aquinhoado com a Codevasf e a Secretaria de Mobilidade do Ministério do Desenvolvimento Regional.

DIRETO NO ALVO

Acertou no alvo o cientista político Enrico Ribeiro, ao comentar para o Correio Braziliense as intenções de Bolsonaro ao se aproximar do Centrão: “É questão de sobrevivência. Ele vai precisar pelo menos tentar iniciar uma conversa para evitar que sofra impeachment ou que fique, pelos próximos dois anos e meio, sem capacidade nenhuma de governar e com popularidade muito baixa”.

MAIOR CABO ELEITORAL

O presidente Jair Bolsonaro poderá se tornar, de modo indireto e não voluntário, o maior cabo eleitoral de seus adversários políticos, na eleição de 2022. É que, demitidos do governo por cisma de Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta e Sérgio Moro já são vistos como possíveis presidenciáveis. Popularidade, ambos têm de sobra.

OFUSCADO

É fato que Bolsonaro se mostra incomodado com a ascensão, em termos de popularidade, de integrantes do primeiro escalão do seu governo, obviamente por medo de ‘criar cobra pra lhe morder’, no futuro. Moro, na última pesquisa Datafolha, de dezembro passado, obteve 53% de aprovação dos brasileiros – Bolsonaro modestos 30%. Mandetta? Saiu aplaudido da Saúde.

CRISE POLÍTICA SE CONSOLIDOU, DIZ O DEPUTADO EFRAIM FILHO

O deputado federal Efraim Filho, líder do Democratas na Câmara Federal, prevê tempos políticos conturbados para o presidente Jair Bolsonaro (sem partido), por causa da saída de Sérgio Moro do Ministério da Justiça – e da forma como se deu: “Se já tínhamos uma crise de saúde e uma crise econômica instalada, se consolida, de uma vez por todas, uma crise política no país”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léo Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéia
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM



PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulaocao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

OUVIDORIA: 99143-6762
ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



Margareth Diniz,
Reitora da Universidade Federal da Paraíba

UFPB: pesquisas dão suporte à luta contra o coronavírus

Depois de ter verbas contingenciadas e bolsas reduzidas, universidade assume trincheira na guerra contra pandemia

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Em meio à pandemia causada pela Covid-19, as universidades surgem como ilhas de excelência. Com desenvolvimento em pesquisas que ajudam no combate à doença, a Universidade Fed-

ral da Paraíba (UFPB) é uma das instituições que vêm se destacando no segmento. Para entender quais medidas foram tomadas e como a pandemia afetou a comunidade acadêmica, o Jornal A União conversou com a reitora Margareth Diniz. Confira a entrevista completa abaixo:

A entrevista

Vamos começar pelas ações da UFPB em meio a esta pandemia. O que está sendo feito pela instituição para combater o vírus, tanto no sentido de evitar a propagação quanto do enfrentamento em si?

Constituímos uma comissão de enfrentamento ao coronavírus, presidida pelo diretor do Centro de Ciências Médicas, a fim de viabilizar ações e dar suporte para as discussões e decisões da gestão. Dia 16 de março fizemos uma reunião do Conselho Técnico Administrativo da UFPB e decidimos suspender as atividades presenciais para o ensino de graduação, a partir de 17 de março, concluindo o período letivo 2019.2 de forma remota. Os cursos EAD estão funcionando normalmente e suspensão das atividades EBTT.

Concomitante, várias ações voluntárias, envolvendo

professores, servidores técnicos administrativos e estudantes foram iniciadas, próprias da natureza da universidade (pesquisa, extensão, inovação tecnológica e outras), agora, direcionadas ao combate da Covid-19, conforme no relatório de ações. Passado o momento crítico da pandemia, a UFPB vai emitir certificado de agradecimento pelo trabalho solidário para todos os envolvidos, inclusive, doadores parceiros que nos ajudaram a viabilizar as ações

Professores, servidores técnicos administrativos e estudantes foram iniciadas, próprias da natureza da universidade (pesquisa, extensão, inovação tecnológica e outras), agora, direcionadas ao combate da Covid-19, conforme no relatório de ações. Passado o momento crítico da pandemia, a UFPB vai emitir certificado de agradecimento pelo trabalho solidário para todos os envolvidos, inclusive, doadores parceiros que nos ajudaram a viabilizar as ações

O que já se tem de definição em relação ao período letivo 2020.1? Vai começar online? Terão férias? O que se sabe até agora?

O Conselho havia aprovado os calendários acadêmicos para 2019.2 e 2020.1 para os cursos presenciais. Com o advento da pandemia, foi preciso envidar esforços para conclusão do período 2019.2, de forma remota, utilizando as tecnologias da informação, e suspender o calendário acadêmico 2020.1 para, na sequência, a PRG, junto com o fórum de assessores de graduação dos centros, ouvindo cada centro e outros especialistas no assunto possam apresentar ao Consepe, no início de maio, propostas para atividades não presenciais, que deverão ser discutidas, analisadas e validadas por este Conselho e, na sequência, divulgadas para toda comunidade universitária da UFPB.

Em meio a todo este turbilhão, o presidente do CNPQ é exonerado. Em seu lugar entrou o professor Evaldo Vilela. Como a senhora vê esta troca?

Recentemente, um respirador desenvolvido por professores e alunos da UFPB chamou a atenção de todos. Além disso, outras ações também estão sendo feitas. Isto é uma resposta para aqueles que ainda duvidam da importância de uma universidade pública federal?

É da essência das universidades públicas realizarem atividades de ensino, pesquisa, extensão, inovação tecnológica e de internacionalização em alto patamar de qualidade. Não seria diferente, na situação que estamos vivenciando, de pedarmos pelo coronavírus, em que muitas ações, pela expertise dos que compõem nossa comunidade universitária, di-

recionaram esforços para contribuir efetivamente para mitigar esta situação. Entre tantas iniciativas, a criação de um respirador efetivo e de baixo custo.

Este ano é ano de eleição para reitoria e diretorias de centros. Esta pandemia irá afetar em algo? O que já se pensa sobre isto?

Meu mandato se encerra na primeira quinzena de novembro e deveríamos encaminhar a lista tríplice, com 90 dias de antecedência de expirar este prazo. No próximo mês, entrei em contato com o MEC. Na sequência, trarei para discussão nas instâncias da UFPB, para tratarmos deste assunto, envidando todos os esforços para que possamos ter, a partir de novembro um novo reitor (a) democraticamente escolhido pela comunidade acadêmica. Torço para que possamos viabilizar o processo em julho.

O mandato da maioria dos diretores termina em dezembro ou janeiro, então, teremos tempo de fazer as consultas internas.

Torço, sinceramente, que quem ocupe tão importante cargo tenha a capacidade técnica para dar continuidade às ações importantes

desta pasta. O doutor Vilela fez bom trabalho por onde passou.

Sobre o concurso de professores e servidores técnicos

-administrativos, há alguma deliberação?

Realizamos com êxito um concurso para servidores técnicos administrativos e, até de-



Foto: Divulgação/ UFPB

A reitora Margareth Diniz ressalta que o novo coronavírus tem exigido de pesquisadores e cientistas ações em várias frentes

zembro de 2019, contratamos mais que o dobro do quantitativo previsto no edital. Ainda assim, temos novos códigos, oriundos de aposentadorias, principalmente, que nos permite contratar novos servidores. Estamos aguardando a liberação através do MEC.

Quanto aos professores efetivos, temos os códigos, também frutos de aposentadorias, morte ou desistência e aguardamos a autorização para efetivarmos as contratações. Professores visitantes e substitutos estavam sendo contratados. Esperamos que esta questão esteja definida até o meio do ano 2020.

Como está a situação dos estudantes dos cursos de saúde que podem antecipar a colação de grau após a publicação da MP? A UFPB já resolveu a situação deles?

Há vários instrumentos normativos do Governo Federal tratando deste tema. Eu sou favorável e aguardo o posicionamento dos colegiados dos cursos, para efetivarmos a decisão, já que cabe ao colegiado dar a diretriz. Torço que ainda esta semana possamos ter esta questão resolvida.

Em relação a bolsas, a senhora falou, na live que participou, que o que se sabe até agora é que não haverá suspensão das bolsas, porém, elas serão suspensas ao fim do prazo. Como recebem esta notícia e que meios irão utilizar para tentar uma mudança, caso seja este o desejo?

Há três tipos de bolsas. Bolsas auxílio, mantidas, com exceção do auxílio transporte; bolsas de iniciação científica, extensão, estágios [que] serão discutidas no Consepe na próxima semana. Até agora estão sendo pagas, os que estão efetivamente em atividades por via remota. Bolsas pós-graduação [sobre as quais] CNPq e Capes estão informando que não vão cortar as bolsas. Porém, no término previsto da bolsa, será suspensão.

Por fim, queria saber um pouco da percepção da senhora, enquanto médica, sobre esta pandemia. É uma gripezinha, como costumam falar por aí? E a questão da tal cloroquina? Até que ponto ela é benéfica? Tem algum estudo do tipo sendo feito na UFPB?

É uma pandemia, por um vírus novo, que tem exigido dos pesquisadores, cientistas, o direcionamento de ações em várias frentes como: conhecer as características do vírus; outro grupo no desenvolvimento de vacina; outros no desenvolvimento de protocolos para tratamento e pesquisas de novos compostos. Há vários editais abertos, no Brasil e no exterior, e tenho certeza de que, em algum momento, teremos as respostas que precisamos.

Jória Guerreiro,
Diretora-geral da Agência Estadual de Vigilância Sanitária

PB foi pioneira ao criar uma vigilância sanitária estadual

Agevisa completa 18 anos e diretora-geral reflete atuação do órgão no Estado e no combate à proliferação do coronavírus

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

Foto: Ricardo Puppe

Cerca de 300 pessoas são inspecionadas por dia nas entradas aeroportuárias, rodoviárias e fronteiras do Estado. A atuação da Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa), na coordenação e monitoramento das oito barreiras sanitárias, tem sido imprescindível para conter o avanço do novo coronavírus na Paraíba. Além desta medida, o órgão tem realizado diversas ações de enfrentamento, segundo relata a diretora-geral da Agevisa, Jória Viana Guerreiro, nesta entrevista concedida ao Jornal **A União**. Ela aborda, também, os desafios e avanços na sua gestão.

Para promover proteção à saúde das pessoas, a Agevisa atua no controle da vigilância sanitária, em segmentos considerados de alto risco. Entre eles, está a produção e fabricação de embalagem, além de fracionamento, transporte, distribuição e comercialização de produtos e serviços, entre outras frentes.

Segundo explica Jória Guerreiro, a área de atuação da Agevisa é muito abrangente. Por isso, há várias diretorias técnicas como a Geral; Administrativa; Financeira e de Integração Regional (Dafir); Técnica de Estabelecimento e Prática de Saúde e de Saúde do Trabalhador (DTEPSST), que engloba serviços de saúde, funerárias, clínicas, maternidades, hospitais; Técnica de Ciência e Tecnologia Médica e Correlatos (DTCTMC), incluindo consultórios odontológicos, empresas de transporte e indústria de produtos médico-hospitalares, produtos de saúde, além de outras especificidades; além da Técnica de Medicamentos, Alimentos, Produtos e Toxicologia (DTMAPT), que é dividida em grupos como medicamentos (drogarias, farmácias de manipulação e distribuidores), cosméticos (perfumes, produtos de higiene) e saneantes (produtos de limpeza).

Na Diretoria Técnica relacionada aos serviços de saúde e do trabalhador, duas gerências técnicas se destacam: Inspeção e Controle de Sangue e Hemoderivados e Inspeção e Controle de Riscos em Serviços de Saúde. Já a Gerência Técnica de Inspeção e Controle de Alimentos, Águas de Consumo e Toxicologia faz parte do DTMAPT.

A Gerência Técnica de Inspeção e Controle de Alimentos, Água para o Consumo Humano e Toxicologia, por exemplo, é um setor que fiscaliza segmentos de alto risco, mas também possui função educativa. Oferece suporte às vigilâncias municipais, por meio de capacitações sobre boas práticas de produção e manipulação de alimentos, de adicionais de sais e de rotulagem. Nesse caso, a finalidade é qualificar municípios para que atuem dentro de sua competência, com bares e restaurantes, segmentos considerados de baixo risco. Além destas atribuições, ainda é responsável pelo Programa de Análise de Resíduos Tóxicos em Alimento (PARA) da Anvisa, criado para avaliar a toxicologia em agrotóxicos.

Toda essa estrutura está sob a responsabilidade de Jória Guerreiro, que agora tem mais um desafio à frente do órgão: o de garantir estratégias cirúrgicas no combate à pandemia do novo coronavírus.



Jória Guerreiro explicou que barreiras sanitárias estão sendo realizadas em aeroportos e rodoviárias para identificar pessoas sintomáticas

A entrevista

Em meio à pandemia, órgãos públicos, empresários, instituições sociais e população em geral têm unido forças para conter o avanço do Covid-19. Quais ações a Agevisa tem realizado?

A Agevisa, dentro de seu âmbito de atuação, especificamente, em relação à Covid-19, coordena as ações de barreiras sanitárias que envolvem a participação da Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, PRF e VISAS municipais. As barreiras acontecem no aeroporto, rodoviárias, que recebem ônibus interestaduais, e divisas. Elaboramos também algumas notas técnicas como autorização de farmácias e supermercados comercializarem álcool a 70% na Paraíba; cuidados a serem adotados nos casos de óbito de pessoas com infecção suspeita ou confirmada pelo Covid-19. Fizemos também uma nota técnica em parceria com Secretaria de Estado da Saúde [SES] com orientações aos serviços de saúde sobre o uso de Equipamentos de Proteção Individuais [Epi's].

As barreiras sanitárias têm dado resultado? Caso a pessoa apresente sintomas suspeitos, qual o procedimento a ser feito?

As barreiras buscam identificar sintomáticos e também realizar um trabalho de informação sobre o Covid-19. Se a pessoa apresentar temperatura acima de 37,8 °C, ela recebe uma máscara e assina um documento para ficar 14 dias de quarentena. A Vigilância Epidemiológica do município para onde a pessoa se dirige é notificada para fazer o acompanhamento.

O governador João Azevêdo determinou, no último sábado (18), mais uma ação de enfrentamento no combate à Covid-19. Além do monitoramento de casos suspeitos, o Corpo de Bombeiros está realizando a desinfecção de todos os veículos (ônibus, caminhões, vans, carros de passeio etc.) nas divisas da Paraíba com os estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Como esta ação está sendo realizada?

A desinfecção de todos os objetos [incluindo] pneus, maçanetas e puxadores das portas do veículo, tem sido realizada pelo Corpo de Bombeiros da Paraíba. No início de abril, as barreiras foram instaladas nas cidades de Alhandra, fronteira com Pernam-

bucó, e de Mataraca, fronteira com Rio Grande do Norte. No último sábado, providenciamos a instalação das barreiras sanitárias nos municípios de Monteiro, Cuité e Cajazeiras, divisa com o Estado do Ceará.

E em relação aos cuidados e manipulação dos alimentos?

Este segmento é responsabilidade da Gerência Técnica de Inspeção e Controle de Alimentos,

Para conter a pandemia, realizamos uma capacitação de boas práticas de manipulação e produção de alimentos com a Empresa Paraibana de Turismo

Águas de Consumo e Toxicologia. Para conter a pandemia, realizamos uma capacitação de boas práticas de manipulação e produção de alimentos com a Empresa Paraibana de Turismo, PBtur, para reforçar a importância desta ação na rede hoteleira, bares e restaurantes. Orientamos também os fornecedores e consumidores de alimentos sobre cuidados nas entregas delivery para que não se

transforme em um canal de proliferação do covid-19.

No último 12 de abril, a Agevisa completou 18 anos de existência. Fale um pouco desta criação, tendo em vista o pioneirismo da Paraíba.

O grande fato é a própria criação, implantação e implementação da Agevisa. Ela foi criada nos moldes da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Anvisa, e a Paraíba foi o primeiro Estado a criar uma vigilância sanitária estadual. Temos esse pioneirismo. Além da Paraíba, apenas o Estado de Roraima teve a mesma iniciativa, ao longo destes anos. Nos outros, a Vigilância Sanitária fica dentro da estrutura das Secretarias de Saúde, o que muitas vezes dilui a atuação da Vigilância Sanitária, VS, e até mesmo não oferece condições de trabalho favoráveis para essa atuação. Na Agevisa PB, as ações de VS são prioridades.

A pandemia tem desafiado a humanidade. O que você diria à população paraibana?

A Agevisa vem se mantendo firme no planejamento e execução de suas funções. A experiência ao longo de 18 anos tem sido imprescindível para promover a defesa da saúde dos paraibanos. Estamos fazendo o que está ao nosso alcance para diminuir a incidência de novos casos, porém, a população precisa tomar consciência e obedecer o isolamento social.

Quais os avanços na sua gestão?

Esta gestão se iniciou em janeiro de 2019. Entre os avanços, parcerias importantes foram restabelecidas com o Ministério Público. Atuamos no acidente com o óleo nas praias do Nordeste, fazendo parte do grupo que monitorou a questão no Estado. Restabelecemos o atendimento ao público nas sextas-feiras. Atualizamos a pactuação das ações de Vigilância

Estamos fazendo o que está ao nosso alcance para diminuir a incidência de novos casos, porém, a população precisa tomar consciência e obedecer o isolamento social

Sanitária com os municípios. Realizamos capacitação em BPF de águas adicionadas de sais junto com a Anvisa. Regularizamos o vencimento das licenças sanitárias e agora a Agevisa tem atuação ativa na pandemia, envolvendo toda a sua equipe.

E quais são as metas para depois da pandemia?

Esperamos que tudo se regularize e possamos cumprir as inspeções, licenciamentos e capacitações que planejamos para 2020.



Fotos: Arquivo Pessoal

A enfermeira obstétrica Morganna Guedes afirma que o agendamento de partos domiciliares aumentaram neste período

Com pandemia, aumenta a procura por partos em casa

Possibilidade de dar à luz no aconchego do lar de forma humanizada desperta sentimento de segurança física e emocional

Cecília Noronha
cecilianoronha2@gmail.com

Com a pandemia da Covid-19, também surge a ameaça do colapso no sistema de saúde nacional, limitações de contatos sociais e restrições de acompanhantes nos hospitais e maternidades. Diante dos desafios dessa nova ordem mundial, muitas mulheres que estão para dar à luz andam procurando o parto humanizado domiciliar. Enfermeiras obstetras e suas equipes têm registrado maior adesão a esse tipo de procedimento na Paraíba e suas agendas estão bem disputadas até junho. Mas, antes de escolher parir em casa, a mãe precisa levar em consideração pré-requisitos importantes.

A enfermeira obstétrica Morganna Guedes Batista, que também é professora universitária, integra a Respeitare, uma das equipes que realiza parto humanizado domiciliar na Paraíba. Ao todo, o grupo conta com seis profissionais, sendo quatro enfermeiras obstétricas, com expertise na assistência ao parto domiciliar, além de mais dois enfermeiros generalistas, especializados em obstetrícia.

Quando questionada sobre sua agenda para atender as novas mães, Morganna confirmou que notou um significativo aumento na procura. "Notamos sim. Geralmente, nos últimos dois anos, temos atendido uma média de três partos por mês. Nessa pandemia, fechamos mais de 15 contratos até junho", comparou. "Muitas já vinham sendo acompanhadas conosco, durante o pré-natal, e a decisão pelo parto domiciliar ficou mais concreta. Por dia, atendemos de três a quatro mulheres, via chamada de vídeo, que estão em busca do PD", acrescentou.

Apesar da vontade das mães em dar à luz no acolhimento do lar e longe dos riscos de contaminação do ambiente hospitalar, é importante frisar

que não basta apenas querer. Morganna alerta que há sim pré-requisitos bem rígidos para a realização do procedimento em casa. "A primeira orientação para quem deseja um parto domiciliar é ser uma gestante de baixo risco, que tenha um único bebê [não pode ser gêmeos], que ele esteja cefálico [que esteja em posição de nascer, de cabeça para baixo] e que ela tenha todos os exames normais", explicou. "Nesses tempos de Covid, qualquer mulher sintomática, ou com suspeita de Covid deve ter um parto no ambiente hospitalar", alertou.

A equipe Respeitare, atualmente, está atendendo à Região Metropolitana de João Pessoa, além de Campina Grande e, ocasionalmente, em Natal. "Nessas cidades temos apoio de enfermeiras obstetras também", informou Morganna.

Muitas mulheres em boas condições de saúde e com gravidez considerada sem riscos preferem optar por um procedimento menos invasivo do que a cesariana e desejam estar ao lado dos acompanhantes de sua escolha no momento de dar à luz. A enfermeira obstétrica Morganna Guedes confirma que essas e outras vantagens são propiciadas pelo parto domiciliar. "Os benefícios de um parto domiciliar são a redução da intervenção, a diminuição também da possibilidade de cesariana, da mulher se sentir mais segura e com menos riscos de hemorragia e de violência obstétrica", citou.

Diante dos riscos de contaminação dentro das maternidades, em tempos de pandemia, outras vantagens do parto domiciliar também podem ser citadas. "Sem contar na diminuição da exposição que essa mulher vai ter por ela e o companheiro já estarem em isolamento em casa. Fazer distanciamento social e evitar locais como hospital onde há possibilidade sim de contaminação para a Covid-19", comentou Morganna.



Medo da solidão e do contágio pelo coronavírus



Grávidas têm medo do parto solitário

Ainda de acordo com a equipe Respeitare, grande parte das mulheres que procuram parto domiciliar tem mais medo do parto solitário. "[Medo] De ficarem sozinhas, de não ter a presença do acompanhante. Algumas de não ter a presença da doula. E, sim, do risco de contaminação, principalmente, para o bebê. Mas, o maior medo delas mesmo é no sentido de ficarem sozinhas no hospital, sem apoio e sem ter pessoas em que elas confiem ao lado", confirmou Morganna.

Algumas orientações precisam ser seguidas pela gestante

para que ela esteja apta a dar à luz em sua residência. "Que essa mulher esteja com todos os exames em dia, que procure uma equipe capacitada, que mantenha todos os cuidados, que tenha materiais de segurança e de emergências para que, se houver necessidade de intervenção, essa equipe tenha esse material e habilidade para isso. E que essa mulher esteja cumprindo distanciamento social e que, nesses últimos 14 dias, ela nem tenha sintomas gripais e nem suspeita de Covid", explicou a enfermeira obstétrica.

Projeto atende famílias de baixa renda

Atualmente, o investimento financeiro para uma mulher se submeter a um parto em domicílio é de cerca de R\$ 6 mil. Porém, a equipe Respeitare oferece um projeto

chamado "Gerando Vidas" com o objetivo de conceder dignidade ao parto de mulheres que não tenham condições financeiras para arcar com uma equipe privada. Para isso,

a renda familiar tem que ser de até meio salário mínimo.

"A gente tem alguns critérios para a admissão dessas mulheres nesse projeto. E sem contar que também nesses

tempos de Covid a gente tem feito valores diferenciados, principalmente, para casais que são autônomos e que não têm renda fixa", afirmou Morganna Guedes.



A equipe do Respeitare também se volta para famílias que não podem arcar com os custos de um parto domiciliar, principalmente no cenário da Covid-19

Cecília Noronha
cecilianoronha2@gmail.com

A mulher que já passou pela experiência de dar à luz em casa relata que a experiência traz uma sensação de acolhimento por estar ao lado da família. Mistura-se a isso um sentimento de segurança por contar com auxílio de profissionais especializados e conscientes da importância da humanização no parto. Já para quem está esperando pelo momento de se submeter ao procedimento, há uma mistura de ansiedade, felicidade e alívio por não precisar se dirigir a um ambiente hospitalar em plena pandemia, correndo maiores riscos de contaminação pela Covid-19.

Pâmela Siqueira Leite de Souza, 29, mora em João Pessoa e trabalha como doula, ou seja, assiste novas mães durante o parto e orienta nos primeiros cuidados com os bebês. Com essa profissão, ela conhece bem de perto os anseios do momento da gravidez e do período puerpério, também conhecido popularmente como “resguardo”.

Ciente dessas necessidades da mulher, Pâmela também optou pelo parto em domicílio e, no último dia 9 de abril, deu à luz ao pequeno Adam. Desde mesmo antes da gravidez, ela já alimentava o desejo de ter seu filho no ambiente acolhedor do lar, rodeado de amor e carinho da família. Com a pandemia, a escolha se tornou também um elemento de precaução para eliminar eventuais riscos aos quais poderia se submeter em um hospital. “Vejo o parto como um evento familiar, e tinha o desejo que meu bebê nascesse em nosso lar. Com o surto da pandemia, me senti ainda mais segura com a minha escolha”, comentou. “A ideia de ir para um hospital no meio de uma pandemia global era assustadora. Meu desejo pelo parto domiciliar ficou ainda mais forte após todo esse cenário”, disse.

Pâmela não é mãe de primeira viagem, pois tem mais duas crianças com 5 e 3 anos de idade, que nasceram em hospital. Ela garante que ter dado à luz a Adam em casa foi uma experiência bem diferente comparada àquela passada na maternidade. “O parto foi lindo. E a experiência foi completamente diferente em todas as situações. Receber meu bebê em meu lar foi incrível, ele nasceu nas minhas mãos, eu fui a primeira pessoa a pegar nele, foi nos meus braços que ele nasceu e no meu colo ele ficou”, descreveu.

Além de maior contato com o bebê logo após o nascimento, Pâmela ressaltou que os demais filhos e o marido puderam acompanhar o procedimento. “A equipe estava ali pertinho para agir caso fosse necessário, meu esposo massageava minha lombar e meu filho de três anos assistia a tudo maravilhado. Foi uma experiência ímpar, rodeada de respeito, amor e humanização”, relatou.

Para Pâmela, tanto durante como depois do parto, todo o processo é humanizado para a mulher e sua família. “No hospital, o ambiente por melhor que seja não se compara ao conforto do nosso próprio lar. Assim que eu pari, fiquei mais de uma hora com meu bebê no colo, só olhando pra ele, ele ainda conectado no cordão umbilical, tudo muito tranquilo, silencioso e maravilhoso. Depois disso, a equipe foi examinar meu bebê e eu fui tomar banho no meu banheiro. Depois, deitei na minha cama, com meus filhos e meu marido. A imensidão de sentimentos ali presentes foi indescritível, amor palpável”, concluiu.

Cercadas por respeito, amor e humanização

Longe do medo, mães expressam sentimentos e expectativas com a chegada de seus bebês



Fotos: Arquivo Pessoal

A doula Pâmela Siqueira, que já passou pela experiência de dois partos hospitalares, optou por parir o pequeno Adam, que nasceu no último dia 8, em sua casa na companhia do filho e do marido

“É um desejo antigo”, diz Perla Carreiro

Quem está na espera desse mesmo momento vivido por Pâmela é a enfermeira Perla Figueredo Carreiro Soares, 29, também residente na capital paraibana. A data estimada para seu filho Saul nascer é o dia 13 de maio. Para

ela, a pandemia só veio confirmar o desejo de dar à luz no sossego do lar.

“Porque é o meu lugar e me sinto segura nele. Independente da pandemia, já planejava sim ter o parto domiciliar. O fator pandemia

só fez confirmar o nosso desejo, meu e de meu esposo”, afirmou. “Estou ansiosa por ser um desejo antigo. Temos mais dois filhos pequenos e os dois nasceram de parto vaginal [normal] em maternidade”, acrescentou.

Perla acredita ainda que poder optar por um parto domiciliar é vantajoso tanto para a mãe como para o bebê. “Com certeza. Em casa você escolhe as pessoas que estarão naquele processo, são as bactérias da sua casa, da sua

família, os sons, o ambiente, tudo que vai fazer parte do dia a dia daquele bebê. É diferente do ambiente hospitalar, que é duro e às vezes tenso, mesmo tendo profissionais que prestem um serviço humanizado”, comparou.

+ Superando trauma do ambiente hospitalar

A esteticista Juliana de Melo Lima, 33, já estava decidida em dar à luz à pequena Júlia Helena em casa bem antes dos receios da pandemia da Covid-19 tomarem conta do nosso cotidiano. A previsão é que a bebê nasça em 8 de junho. Até lá, a mamãe vai organizando o enxoval, fazendo relaxamento com meditação e se munindo de muita fé em um parto tranquilo.

A escolha de Juliana pelo parto doméstico também é estimulada por um trauma particular, vivido em um ambiente hospitalar.

“Primeiramente, porque tenho trauma de hospital, o ambiente não me faz bem. E segundo, porque já sou mãe, tenho um filho

Para a esteticista Juliana Melo, momento será de superação, após ter sofrido violência obstétrica

de 15 anos e tive uma experiência muito negativa quanto ao meu parto no hospital. Sofri violência obstétrica”, lembrou. “Optaria e optei pelo parto domiciliar independente da pandemia, tanto que já tinha fechado com a equipe antes da pandemia acontecer. O fato de não poder ter um acompanhante ao nosso lado na hora do parto também é frustrante, pois quando estamos grávidas nos sentimos ainda mais inseguras”, justificou.

Mesmo com a pandemia, Juliana disse que as expectativas são as melhores possíveis. Apenas alguns detalhes dos preparativos para a chegada da bebê terão que ser feitos a distância, a exemplo da compra do enxoval.

Ela também terá que ter cuidados como evitar a visita de outros familiares após o nascimento.

“No momento, a dificuldade e o que nos deixa um pouco tristes e inseguros é que essa pandemia tem dificultado muitas coisas. Por exemplo, estamos finalizando o enxoval dela pela internet, não temos como visitar as lojas e escolher mais criteriosamente. O fato de talvez ela nascer e não poder receber toda a família para compartilhar nossa alegria com eles no nascimento dela também nos entristece um pouco. Mas, temos fé e esperança que em breve esse momento difícil passe e nossas vidas voltem à normalidade”, afirmou.

Fora esses contratemplos incomuns em tempos de pandemia, para Juliana o resto é só esperança e boas expectativas. “Só quero o que é meu por direito: ter minha filha de forma natural, saudável e principalmente sendo respeitada”, destacou.



Entre a meditação e a escolha do enxoval, Juliana segue tranquila aguardando a chegada de Júlia Helena, prevista para o dia 8 de junho

Quarentena altera hábitos de famílias no interior da PB

Do Brejo ao Sertão, todos foram afetados pelas consequências da pandemia da Covid-19 e se adequam à realidade

Laura Luna
Especial para A União

Das grandes às pequenas cidades, o coronavírus ultrapassou barreiras e modificou a rotina das pessoas. Das cidades mais atingidas às que ainda não contabilizaram nenhum caso, todos de alguma maneira estão sentindo e vivendo as consequências da pandemia da covid-19. Na Paraíba, não é diferente. Saindo da capital João Pessoa, onde se concentra o maior número de casos, e indo aos demais municípios, paraibanos e paraibanas seguem as recomendações dos órgãos de saúde e fazem o possível para manterem-se longe da doença, em quarentena, enquanto aguardam ansiosos que tudo volte ao normal o mais rápido possível.

No município de Remígio, Brejo paraibano, a estudante universitária Clara Luana, 24, conta que no início da quarentena a família chegou a ficar 'enlouquecida'. A entrevistada que mora com o filho, a mãe e mais três irmãos pequenos lembra que não foi nada fácil começar o inédito isolamento social. "Aderimos à quarentena dia 19 de março. Nós não assistimos TV, mas à medida que fomos vendo as notícias mundo afora, através das redes sociais, ficamos assustados", disse.

Nova rotina

Isso foi no primeiro momento e não demorou para Clara e a família estabelecerem uma nova rotina. Sem escola, universidade, trabalho, academia, a família precisou se reinventar. "Meu filho faz as tarefas da escola, vemos filmes todos os dias, meu personal me manda a série diária e até me corrige pelo celular", contou. Só o irmão, Erasmo Neto, estudante de Agronomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que ainda precisa ir até o campus, mas sempre com muito cuidado. "Ele está desenvolvendo um projeto e precisa ir toda semana na universidade, mas ele toma todo o cuidado". Em Remígio, carros de som passam a todo momento pelas ruas explicando a importância do isolamento, e na feira apenas os comerciantes do município estão liberados para comercializarem os seus produtos. Não há registros de infectados.

Das cidades mais atingidas às que ainda não contabilizaram nenhum caso, todos de alguma maneira estão sentindo e vivendo as consequências da pandemia da Covid-19



Fotos: Arquivo Pessoal

Em Remígio, a estudante Clara Luana (de preto) conta que no início a adaptação ao isolamento social foi difícil

No Cariri, isolamento é no sítio

Apesar de não contabilizar nenhum caso da covid-19, na cidade de Monteiro, no Cariri do estado, cuidados importantes estão sendo tomados. A limpeza das ruas e a atenção em relação às divisas têm surtido efeito positivo mas não é só isso, as pessoas estão seguindo as recomendações dos órgãos de saúde. Na casa de Marlene Vital, 50, há quase dois meses a família só sai quando é extremamente necessário. A rendeira, o marido e a netinha, na verdade, até se mudaram para viver a quarentena com mais segurança.

"A gente mora em Monteiro e vem pro sítio nos finais de semana, mas agora é diferente. Estamos direto no sítio e só vamos à cidade se tiver muita necessidade", explicou. O sítio, na Serra do Mocó, fica na Zona Rural a 30Km da cidade. E quando sai, Marlene toma todos os cuidados. "Só com máscara e quando chego em casa deixo o calçado na porta, lavo as mãos e já sigo pro chuveiro tomar o banho. A roupa vai direto para um saco ou então já boto para lavar". A entrevistada conta que tem se preocupado muito com um dos filhos, que é caminhoneiro. "Ele vive nas estradas, trabalhando. Eu tenho que ligar pra ele todos os dias,



A rendeira Marlene Vital e seu marido estão em isolamento, sem internet

pra saber como tá, se ele tá se cuidando".

No sítio, além de estar distante até dos vizinhos, já que o mais próximo mora a 10 minutos de caminhada, Marlene conta que a internet praticamente não funciona e as ligações telefônicas são difíceis de completar. A ren-

deira mestra, reconhecida por ensinar a arte da renda renascer, diz que sente falta também das viagens que sempre faz a trabalho. "Tenho muitas encomendas e muitas entregas pra fazer, por enquanto estou só produzindo e aguardando que tudo isso passe logo".

Clailze Souza precisa sair para trabalhar, mas afirma que toma todos os cuidados necessários



No Seridó, máscara no trabalho

Para quem segue trabalhando fora de casa, a quarentena tem suas adaptações. Para cumprir a rotina de trabalho e evitar o contágio pelo coronavírus, Clailze Souza, 50, tem se esforçado. No município de Picuí, re-

gião do Seridó, a recepcionista de um centro de saúde bucal explica que a rotina não é mais a mesma desde meados do mês passado. "E meu marido ainda está mais trancado, porque eu ainda trabalho e vez em quando tenho que ir à rua resolver alguma coisa, comprar alguma coisa", falou.

Mas Clailze garante que não relaxa quando o assunto é cuidado. Máscara e álcool em gel são companheiros inseparáveis, inclusive durante o expediente. "Lá no trabalho o atendimento está sendo feito com hora marcada, aí evita ter muita gente reunida. E eu sempre uso máscara e mantenho as mãos limpas seja com água e sabão ou com

álcool", detalhou. Em Picuí, a feira livre que acontece nos finais de semana e que havia sido cancelada no início da pandemia, voltou a acontecer mas com restrições.

Clailze acredita que os cuidados orientados durante a quarentena estão surtindo efeito e segue fazendo o que pode para ficar longe do vírus e proteger as pessoas que ama. "Deixei de ir na casa da minha sogra e da minha mãe.

Agora passo na calçada, falo, solto beijo mas nada de entrar. Abraçar e beijar nem pensar, só quando tudo isso passar de uma vez". Picuí também não registra nenhum caso de infectado por Covid-19.



O tempo em Patos

No Sertão do Estado, Patos também sente os efeitos da pandemia. Com o primeiro registro de uma vítima fatal no Estado, o município tem alguns casos da Covid-19 confirmados. Registros que geram medo e insegurança e que têm alterado a rotina e a vida dos patoenses, como aconteceu com Liana Cavalcante, 54.

Assim que a quarentena foi estabelecida no Estado a funcionária pública, mudou-se para a casa dos pais idosos, de 78 e 79 anos. "Me transferi de 'mala e cuida' para o apartamento dos meus pais, para estar mais perto deles, dar mais assistência e tentar mudar alguns hábitos, que para os idosos é uma tarefa meio difícil". Foi o pai, comerciante e criador de gado, quem mais resistiu no início. "Hoje, quando precisa sair já usa máscara e tem todos os cuidados necessários".

E todas essas mudanças aconteceram em um dia muito especial. "Minha quarentena começou exatamente no dia do meu aniversário, 19 de março, e com certeza vai ficar marcado". Trabalhando em home office, longe dos filhos e netos, Liana conta que manter o equilíbrio tem sido o grande desafio do isolamento social. "Para mim a maior dificuldade tem sido manter as emoções controladas. Sinto muita falta de abraçar meus filhos e netos, meu genro. De fazer yoga, de abraçar as pessoas que amo, ir ao shopping, à igreja...".

Em meio a todos os sentimentos, bons e ruins, trazidos pela quarentena, Liana aproveita para reforçar àqueles que verdadeiramente podem ajudar a atravessar esse momento tão atípico e incerto. "Tem sido um tempo de mudança e crescimento espiritual. Nunca orei tanto, nunca clamei tanto por um milagre e sei que vai acontecer, em nome de Jesus".



Liana Cavalcanti (C) decidiu passar a quarentena ao lado dos pais para poder acompanhá-los e ajudá-los quando for necessário



A beleza da região do Porto do Jaraguá, local em que Frederico Lundgren mandou construir uma estrada de ferro que o interligava com o núcleo urbano da cidade, ainda no período da fundação de Rio Tinto

Origem de Rio Tinto está ligada à história de amor

Cidade foi fundada por Frederico Lundgren, cujo pai, Herman, veio da Suécia para o Brasil por acaso e montou uma rede varejista

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Rio Tinto é uma cidade do Litoral Norte paraibano, que teve sua origem numa história de amor. O sueco Herman Theodor Lundgren, com 19 anos, se apaixonou por uma moça de sua terra natal (Estocolmo), mas os pais dela não permitiram o casamento, alegando a inferioridade financeira da família do noivo. Magoado, ele tomou umas doses de conhaque brännvin (termo sueco para um licor destilado de batatas, grãos ou celulose de madeira, feito também com vodka, com teor alcoólico entre 30% a 38%) e foi andar pelo porto. Acordou em alto mar, no porão de um navio, e só não foi preso porque o capitão co-

nhecia a família Lundgreen e acertou as coisas.

Ele escolheu uma cidade do sul brasileiro para ficar, depois mudou para o Recife. Falava seis idiomas e alguns dialetos escandinavos. O Recife tinha representações de empresas da Europa. E Herman achou emprego - e depois se estabeleceu - como intérprete. Ganhou dinheiro. Criou a fábrica de pólvora Elefante, no Brasil. Ao morrer, deixou a indústria de tecidos de Paulista (PE), para seus filhos. Um deles, Frederico João Lundgren, fundou Rio Tinto, em 1917, onde construiu uma empresa de tecidos, que viria a ser o maior parque têxtil da América do Sul.

Em "Acervo dos Municípios Brasileiros - IBGE -", consta que "este empresário nas-

ceu em Paulista (PE), no dia 20 de junho de 1879. Foi coronel da Guarda Nacional e deputado federal, e que herdou a Companhia de Tecidos Paulista (PE) de seu pai, depois construindo a Companhia de Tecidos Rio Tinto", na Paraíba.

Em 1908, ele criou uma cadeia de varejo e, em 1909, a primeira rede das Lojas Paulista, mudando, em 1930, para Lojas Pernambucanas. A fundação da indústria têxtil de Rio Tinto (PB) em 1917, e o prestígio dos Lundgren, motivaram a visita do presidente Getúlio Vargas a Rio Tinto, em 10 de setembro de 1933.

Getúlio firmou contrato de fornecimento da mescla azul - utilizado para os uniformes da Aeronáutica; e brim branco para a Marinha; e, posteriormente, d'aqui para o

Exército. O número de operários aumentou de quatro mil para 12 mil. O município vivia seu apogeu financeiro, tinha sua própria polícia de 250 homens e era autossuficiente em tudo que a indústria ou a população local necessitasse.

Sua estátua está afixada na Praça Frederico Lundgren. Seu caráter empreendedor levou-o a fundar o Haras Maranguape (PE) onde surgiu a raça de cavalo tordilho Mossoró.

Federico Lundgren faleceu em 25 de fevereiro de 1945. Em 2 de setembro do mesmo ano, uma multidão - onde segundo o escritor e repórter documentarista Guy Joseph, havia agentes do Partido Comunista infiltrados -, tentou destruir a maior obra arquitetônica de Frederico, na Paraíba, o Palácio de Vila Regina.

O Exército impediu mais vandalismos e o linchamento de operários alemães, acusados pela turba de "implantar um ninho de metralhadoras antiaéreas no palacete" que, no momento, funcionava como área de confinamento de alemães, italianos e japoneses, para não serem massacrados pela população com sentimento antinazista. Dias antes, um avião americano, que saiu de Natal para um patrulhamento, caiu no mar, em Baía da Traição. Os boatos começaram aí.

Esta onda de boatos tinha apoio num registro policial. No crepúsculo da Segunda Grande Guerra, a Delegacia Especial de Segurança e Política Social da Paraíba - DESPS - destacou-se como órgão da contra-espionagem, através do investigador Antônio Pe-

reira Filho que, segundo os depoimentos da época, "sabia enxergar um súdito do Eixo a milhas de distância".

Entre oito suspeitos detidos pela DESPS, um se aproximou da verdade. Foi o alemão Gunter Heinzel, 28 anos. O policial pernambucano que o prendeu, na tarde de 24 de novembro de 1943, pedia aos peritos do Instituto de Medicina Legal da Paraíba que o identificasse. Gunther havia chegado clandestinamente a João Pessoa, no auge da guerra. Era acusado de ser um dos emissários de Hitler. E deveria ser confinado no Mosteiro de São Bento, em João Pessoa, ou em Camarutuba, no Litoral Norte. Em síntese, o policial trazia de Recife uma mensagem de rádio decodificada, que dizia ser Gunther operário da Cia. de Tecidos Rio Tinto.

Foto: Edson Matos

Foto: Edson Matos

Foto: Divulgação

Foto: Edson Matos



O Castelo da família Lundgren, a sede do projeto de proteção do Peixe-Boi Marinho, a Praça Frederico Lundgren, fundador da cidade, com a igreja ao fundo, e a barra do Rio Mamanguape, história e belezas naturais de Rio Tinto

“Manchester Paraibana”: indústria, universidade e meio ambiente

Frederico adquiriu por 23 Contos de Réis (R\$ 2 milhões 829 mil a dinheiro de hoje) a porção de terras de 601 km² que, atualmente forma a maior parte da área territorial de Rio Tinto. Dotou-a com uma estrada de ferro, que ligava a sede urbana ao Porto de Jaraguá.

A matriz de Santa Rita de Cássia é adaptada de um chalé. Sua construção se iniciou em 1923. Em 1945 ainda estava em conclusão. É a única igreja cató-

lica do mundo que não pertence ao Vaticano. Um desenho em alto relevo gravado na frente - diz-se - seria a Águia do Terceiro Reich, de Hitler. Outros afirmam que é a imagem estilizada de um anjo.

Frederico construiu Rio Tinto com uma argamassa que ele mesmo inventou, misturando pedra calcária e areia. Na época o Brasil não tinha fábrica de cimento. Era poderoso: autorizou um desvio no curso do Rio Mamanguape, para assorear o

Porto de Salema (que tinha acesso ao mar aberto); e construiu o Porto de Jaraguá, a 6 Km da Companhia de Tecidos Rio Tinto. O equipamento da empresa foi transportado da Europa via Jaraguá, que em tupi significa "Senhor do Vale".

Rio Tinto foi chamada a "Manchester Paraibana". O Palácio de Vila Regina, o Cine Orion e o prédio onde funciona a UFPB dão exemplos disso. Manchester, na Inglaterra, exportou esse es-

tilo arquitetônico para o mundo, entre 1920 e 1940.

Onde funcionou o núcleo da Companhia de Tecidos Rio Tinto, hoje é o Campus IV da UFPB, instalado em 2005. A presença de universitários de todo o país deu suporte financeiro à cidade, nas movimentações comerciais e nos aluguéis de casas.

As praias de Campina e Barra do Mamanguape são exemplos de natureza exuberante, a 31 Km da área urbana. Nesta

segunda existe a "Estação do Peixe-Boi", onde foi instalado um santuário de preservação deste mamífero marinho.

Como chegar: Pega-se a BR-101-Norte, trecho João Pessoa-Natal. Na entrada do Viaduto de Mamanguape, dobra-se à direita, contornando a rua lateral da Matriz de Santa Rita de Cássia. Passa-se por Vila Regina e Marcação, daí direto para Baía da Traição, por estrada de asfalto.



Foto: Divulgação

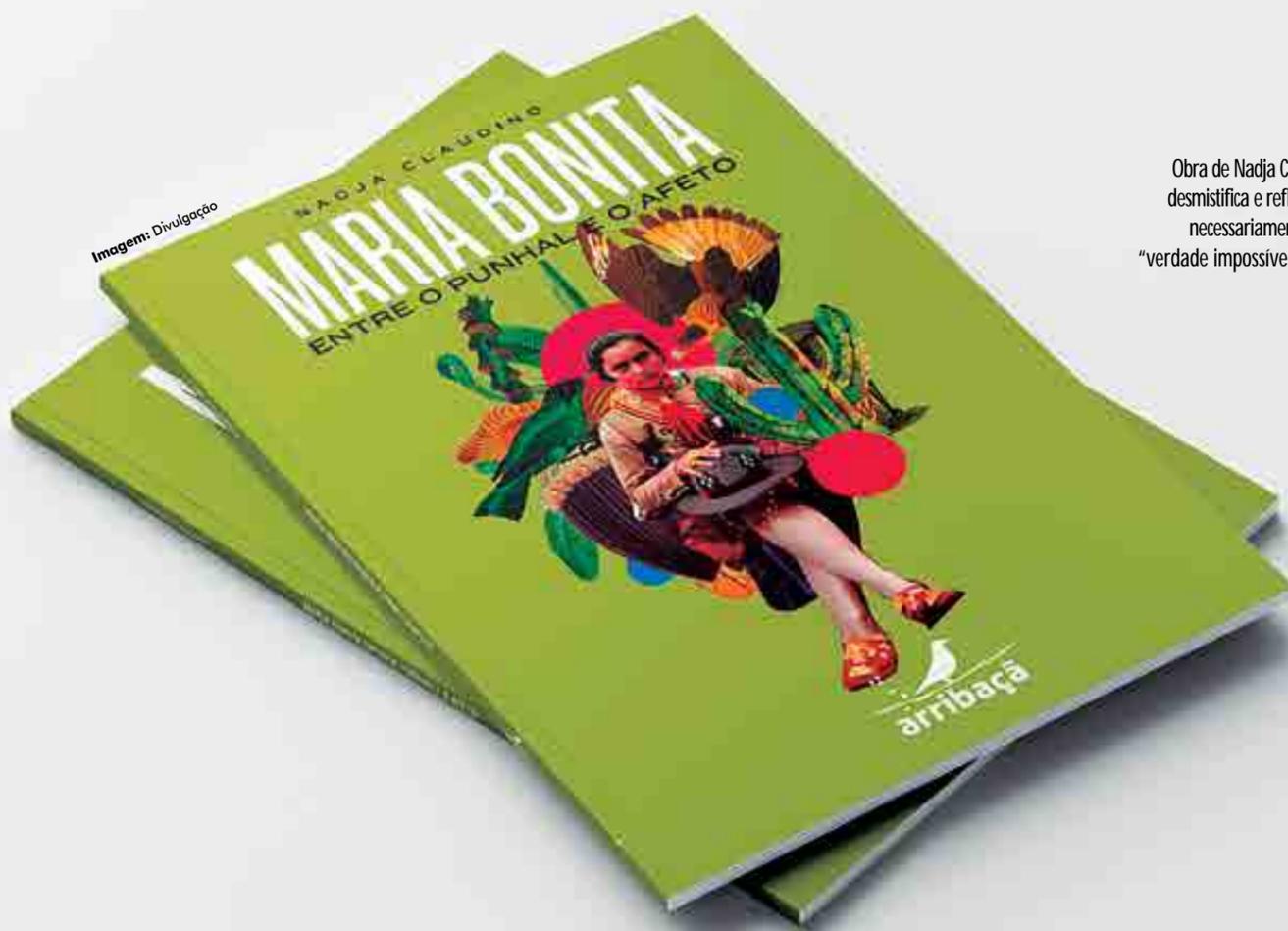


Imagem: Divulgação

Obra de Nadja Claudino problematiza, desmistifica e reflete sobre o tema sem necessariamente trazer à tona uma "verdade impossível" de ser apreendida

Livro lança um olhar feminino sobre história de Maria Bonita

Escrito por pesquisadora paraibana, 'Entre o Punhal e o Afeto' traz novas perspectivas sobre o cangaço

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Com novas percepções sobre a história de Maria Gomes de Oliveira (1910-1938), mais conhecida como Maria Bonita, a pesquisadora paraibana Nadja Claudino lança o livro *Maria Bonita: Entre o Punhal e o Afeto* (Arribaçã Editora, 252 páginas, R\$ 50), abordando discursos, histórias e movimentos sobre o cangaço, além de curiosidades sobre a famosa companheira de Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), vulgo Lampião.

A obra é o resultado de um interesse que surgiu na pesquisadora durante sua adolescência. De acordo com Nadja, a própria mãe a chamou para assistir a um documentário sobre o cangaço quando mais jovem e, desde então, foi despertado o desejo em se aprofundar sobre o tema. "Quando fui cursar História, escolhi o tema para escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, dentro dele, escolhi falar sobre Maria Bonita, pois percebi que havia muitas coisas ditas sobre ela, mas que faltava algo que problematizasse esses muitos discursos", lembra.

Para a pesquisadora, uma novidade acerca da imagem de Maria Bonita é perceber como ela era interpretada pelo olhar majoritariamente masculino e sobre o papel feminino na sociedade da época. "A partir de Maria Bonita, podemos perceber como as mulheres foram – e são – representadas pelos discursos masculinos. Procuo fazer isso no meu livro, lançar esse olhar sobre a história que vem sendo contada há mais de 80 anos por jornais, cordéis e outros livros".

Segundo Nadja Claudino, as cangaceiras – apesar de passarem por conflitos através do contexto em que viviam – se portavam, na maioria dos

aspectos, como as outras sertanejas, devendo obediência e fidelidade ao seu companheiro e sem tanto poder nas decisões de grupos. "As mulheres quando escolheram o cangaço ou quando foram levadas para essa vida involuntariamente, perceberam que seus papéis não eram mais os mesmos de quando viviam no seio da sociedade sertaneja", analisa. "Essas mudanças não se deram apenas no âmbito social: o papel da mulher mudou nas questões ligadas à maternidade e também à feminilidade. As mulheres cangaceiras pariam, mas não maternavam seus filhos, pois o ambiente do cangaço já havia inserido as mulheres, mas nunca foi espaço para crianças, frutos das relações amorosas dos cangaceiros. Deixar de ser mãe, no sentido do cuidado com seu filho, subverteu a lógica de uma feminilidade, que só seria completa com a maternidade".

As mulheres, como lembra a autora, não entram nos bandos como um reforço armado, mas sim para servir como companhia aos cangaceiros. "Penso que Lampião e os outros não pretendiam deixar a vida do cangaço e procuraram formar uma sociedade em que houvesse espaço para a vida 'doméstica'".

Visão estereotipada

Mesmo sendo escrito e interpretado há mais de 80 anos na TV, no cinema, no teatro, nos folhetins de cordel, além de estar presente no imaginário popular, como reforça a pesquisadora, ainda há muitos questionamentos sobre o cangaço e isso só reforça a importância de se estudar o movimento mais profundamente. "O Sertão, as poucas informações e o isolamento geográfico do qual os cangaceiros se aproveitavam para burlar as leis, serviram também para que

surgisse uma narrativa misteriosa, cheia de imprecisões e também cativante para o nordestino, em particular para os que vivem na região sertaneja", enumera. "Principalmente pela forma como as histórias dos cangaceiros foram passadas através do verso popular que alcançava espaços e se fazia entender pelo povo, ao trazer elementos da vida do Sertão para os textos", comenta.

Hoje se pode perceber, como aponta na obra, que Maria Bonita passou por pré-julgamentos a partir do próprio nome pelo qual se tornou conhecida, que são vistos na atualidade como posicionamentos estereotipados. "O olhar lançado sobre ela atende muito às discussões do momento que estamos vivendo, de empoderamento das mulheres e de questionamentos sobre os papéis que nos foram impostos pela sociedade", reforça a escritora. "Eu discuto o nome Maria Bonita, que era usado por jornalistas, mas não era usado dentro do grupo. É um nome que adjetiva apontando para a sua beleza, de como ela foi alvo de uma escrita libidinal, e de como a beleza é cobrada de nós, mulheres, e foi cobrada dela, até mesmo depois de morta".

A "rainha sertaneja e mulher guerreira", termos apontados por Nadja Claudino, são problemáticos por reduzir a imagem da mulher. "Guerreira" é um adjetivo utilizado incontáveis vezes para designar mulheres que sofrem, que mantêm duplas jornadas de trabalho, ganham salários menores e se mantêm 'belas', suaves, amorosas, 'maternais' e 'femininas'. Somos muitas Marias Bonitas e precisamos vencer grandes barreiras e julgamentos para escrevermos o nosso destino", diz Claudino, que ressalta: "A história de Maria Bonita é atualíssima".



Alcunhas que reduzem a mulher

As histórias da mais famosa mulher do cangaço – como conta a pesquisadora Nadja Claudino na obra *Maria Bonita: entre o punhal e o afeto* – não podem ser comprovadas, já que ela não sobreviveu para se lembrar do próprio passado.

"Ao contrário de Sila ou Dadá, que sobreviveram ao fim do cangaço, tudo o que se tem sobre Maria Bonita foi dito por pessoas que conviveram com ela ou saiu da imaginação dos escritores. Não encontrei nada que Maria Bonita tenha dito em entrevistas ou relatos próprios, e esse silêncio foi propício para que os outros falassem por ela", julga.

A pesquisadora revela encontrar diversas representações da companheira de Lampião nas artes. "No cordel, por exemplo, Maria Bonita aparece como uma mulher capaz de derrotar um grupo de volantes, de comandar homens, de ser de fato uma guerreira. Numa minissérie televisiva da Rede Globo, ela aparecia cortando as orelhas das rivais. Surge também como uma mulher que intercedia junto a Lampião pela vida de algum sertanejo que ela julgasse inocente. Em matérias de jornais como o *Diário de Pernambuco*, ainda na época do cangaço, aparecia como

mulher que dava chicotadas na cara das vítimas do bando".

A pesquisa da paraibana, portanto, baseia-se também nessas possibilidades retratadas da companheira de Lampião. "É justamente sobre essas histórias que pude construir meu trabalho, não querendo trazer à tona uma verdade impossível de ser apreendida, mas sim os discursos criados sobre Maria Bonita. O que se sabe de fato é que ela pagou com a vida sua ousadia, teve que romper com o seu mundo para viver um amor radical com um fora da lei e foi e continua sendo alvo de julgamentos".

Há ainda, por outro lado, muito a ser descoberto sobre a figura histórica tão relevante para o Nordeste sertanejo. Partindo do que resultou em *Maria Bonita: entre o punhal e o afeto*, Nadja Claudino pretende explorar outros temas que conversam com o que ela aborda em seu livro. "Pretendo partir para outro tema que, de certa forma, dialoga muito com esse. Por enquanto não penso em escrever outro livro sobre cangaço, mas tenho muito interesse que essa produção cresça e que a história das cangaceiras seja repensada", finaliza.

Fotos: Divulgação



Visão romancada na TV em 'Lampião e Maria Bonita' (E), de 1982; e o casal na vida real (D), em 1936

Teorias da conspiração

Quando o assunto é teoria da conspiração, a imaginação é o limite. O curioso é que sempre encontramos alguém disposto a acreditar nas teorias conspiratórias mais irracionais, mirabolantes e exóticas possíveis. Elas costumam oferecer a fantasia mágica de que somos pessoas especiais por compartilharmos “importantes conhecimentos secretos” que a maioria dos mortais desconheceria e que teriam sido ocultados para preservar interesses malignos.

Uma teoria da conspiração muito popular é a da morte de Paul McCartney. Ela rende muitas anedotas entre os fãs do cantor. A primeira versão surgiu por volta de 1966, depois que os Beatles gravaram o álbum *Revolver*. São dois os acontecimentos que estimularam os devaneios conspiracionistas nesse caso: o acidente de carro que McCartney sofreu em novembro daquele ano; e o fato dos Beatles deixarem de fazer shows ao vivo, porque assumidamente consideravam que a complexidade dos arranjos das novas músicas dificultavam as apresentações em palco.

Surgiu aí a lenda que Paul morreu nesse acidente e que seu lugar na banda foi ocupado por um sócio. Desde então teríamos caído numa pantomima criada pelo ganancioso e imoral mundo do espetáculo. Livros, artigos de jornal e revista foram escritos para defender essa teoria. Os Beatles, que não eram bobos, se aproveitaram para incentivar as vendas de novos discos inserindo pistas falsas e mensagens subliminares em seus trabalhos posteriores que, sutilmente, indicariam a morte de Paul McCartney. Uma das mais conhecidas pode ser ouvida na música “Strawberry Fields Forever”, que foi lançada em 1967. No final da gravação podemos ouvir uma voz baixinha sussurrando as palavras: “I buried Paul” (“Eu enterrei Paul”). John Lennon chegou a desmentir essa história, alegando que a frase na verdade era o nome do molho de tomate: “Cranberry Sauce”.

Os anos 1960 produziram outras espantosas teorias da conspiração. A mais famosa delas, creio, é a de que os astronautas da Apollo 11 não pisaram na Lua. Tudo não passaria de um engodo construído pela Nasa, em conluio com o governo Lyndon Johnson e o cineasta Stanley Kubrick, para desbançar os soviéticos na corrida espacial. O documentário *Dark side of the Moon* (2002), do francês William Karel, é uma tentativa de sistematizar essa teoria. Karel constrói uma narrativa com base em depoimentos desconexos de personalidades do século XX, cinematograficamente manipulados num processo fino de edição que criaria a ilusão de unidade. Até a viúva de Kubrick, Christiane, com quem viveu por 40 anos, aparece no documentário supostamente atestando essa teoria. O que deixa a história um pouco mais verossímil é o fato de Kubrick ter lançado o filme *2001: uma odisseia no espaço*, em 1968. Um ano antes da missão Apollo 11 aterrissar no solo lunar. O cineasta seria, portanto, a pessoa mais preparada na época para simular com uma câmera de cinema e efeitos especiais a chegada do homem à lua.

Uma das mais recentes teorias da conspiração afirma que o coronavírus é uma arma biológica, maquiavelmente criada pelos EUA ou China para garantir a hegemonia mundial. Os simpatizantes da China dizem que os EUA são responsáveis diretos por um ataque biológico ao território chinês para sabotar o desenvolvimento econômico de seu principal rival; enquanto isso, os seus inimigos argumentam que os asiáticos fizeram acontecer a pandemia para tirar proveitos econômicos e superar os EUA.

Tenho bons motivos para sustentar que essas ideias não passam de uma ilusão. O primeiro é a constatação da inexistência de provas cabais. Cabe a ressalva de que em qualquer teoria da conspiração fatos aleatórios ou coincidências vão sendo arrolados para dar a sensação de causa e efeito. Os terraplanistas, por exemplo, não dizem simplesmente que a Terra é plana. Eles enumeram inúmeros fatores que supostamente corroborariam a teoria, mesmo que a ciência diga o contrário, tentando adequar os fatos às teorias, não as teorias aos fatos. É importante considerar os acontecimentos com base em critérios empírico-pragmáticos.

Não parece convincente que os EUA tenham atacado a China com uma arma biológica, sabendo que correriam o risco de provocar uma pandemia capaz de atingir o processo de acumulação capitalista, levando a geração de uma crise econômica mundial. Num mundo globalizado não é difícil deduzir que o próprio território norte-americano estaria em perigo. Como vemos hoje, os EUA lideram as estatísticas de maior número de infectados e mortes pela Covid-19. Esse é um “cenário de guerra” que qualquer país gostaria de evitar. Outro detalhe é que Trump criaria deliberadamente um problema capaz de afetar suas pretensões à reeleição, como é o que hoje parece ocorrer. Um ataque biológico ao território chinês significaria uma declaração de guerra convencional, com resultados desastrosos para a humanidade. Além de se tratar de erro estratégico imperdoável se o autor do ataque não tivesse um antídoto para a doença.

A China também teria muito a perder. Seria pouco racional que o governo atingisse a própria população com um vírus. Além das questões morais envolvidas, os efeitos sobre a economia e a ordem social são bastante difíceis de prever. Desde 1976 os chineses não experimentam um cenário de contração econômica. A pandemia ameaça que isso volte a acontecer. As consequências mais temidas, no entanto, parecem ser de ordem política. Uma grande geração de chineses jamais experimentou uma crise dessa natureza. A expectativa é que ela daria vazão a insatisfações políticas que estiveram relativamente adormecidas ao longo dos anos, graças ao intenso desenvolvimento econômico e ao exercício de um controle *owertliano* sobre os cidadãos. O surgimento de novos atores políticos poderia ameaçar a estabilidade do governo chinês, gerando um contratempo indesejável ao seu projeto de hegemonia global.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

A pressão da sobrevivência

Autocracia é uma forma de governar por si próprio, e está concentrado em um único líder ou partido. A etimologia dessa palavra vem dos radicais gregos *autos* (por si próprio) e *kratos* (poder). Geralmente, um líder autocrático chega ao poder através das eleições democráticas, e ele constrói um poder absoluto em todos os níveis de governo. O autocrata se apresenta sendo a Lei. Ele não confia em ninguém e não tem a sensibilidade de sentir a escassez material e a miséria do cidadão; também não sabe priorizar o útil para os cidadãos; nem de potencializar o bem comum de todas as condições de vida que favoreçam o desenvolvimento integral do cidadão e da sociedade. Tudo isso enquadra o autocrata como um psicopata.

A autocracia é diferente dos regimes autoritário e totalitário. Essas duas formas de governos – o autoritário e o totalitário – chegam ao poder geralmente por meios não democráticos. Um exemplo de um regime autoritário é a monarquia, que é dada por um direito divino legitimado por uma religião. O autoritarismo pode ser representado como uma forma autocrática de governar por exercer o poder absoluto, porque só o líder toma todas as decisões. No regime autoritário absoluto, o governante não mantém as instituições; e no regime autocrático, as instituições são desprezadas, desmoralizadas e aniquiladas. Em ambos sistemas não há participação democrática e são excluídos todos os direitos fundamentais do cidadão, entre esses: o direito à vida; a garantia das condições para a dignidade humana; o desenvolvimento material para a sobrevivência do cidadão; e a manutenção da harmonia social. O regime totalitário se caracteriza pela força militar apoiada por uma propaganda ideológica com o objetivo de doutrinar o povo através do terror; da perseguição e da política da morte, nesse sistema o líder representa o Estado. São algumas características do totalitarismo: o culto ao líder; a manutenção da censura; a existência de um só partido – a do líder; e

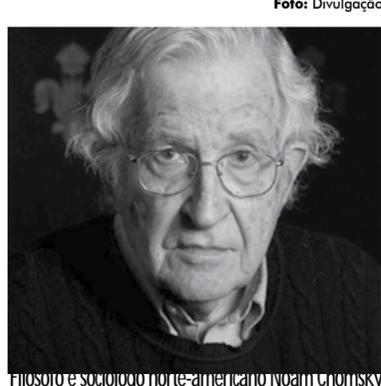


Foto: Divulgação

criação de inimigos internos e externos do Estado.

O norte-americano Avram Noam Chomsky (1928), filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, ativista e analista político e de economia, e professor de Linguística no Massachusetts Institute of Technology (MIT), afirma que toda crise é um problema institucional que pode ser resolvido através de uma maciça pressão pública, mesmo que receba terríveis ataques de terror. Para Chomsky, essa pressão pública é necessária para a sobrevivência da dignidade do cidadão, da harmonia social, das instituições, e do fortalecimento da democracia a fim de evitar uma guerra nuclear e a ameaça à vida humana. A maciça pressão pública – através da democrática – elimina todos os sistemas autocrático e/ou autoritário. Sabe-se que não tem como recuperar à vida humana se não há tempo diante dos desastres com a saúde pública, nem com as falhas de mercado e com a má saúde financeira socioeconômica, independente à crise de um capitalismo brutal. A má saúde financeira – do cidadão e das empresas – exige uma nova ordem para a “economia social de mercado”. Mas a vida tem que ser preservada, porque o cidadão é o maior valor e patrimônio de qualquer sociedade. Só através da força de trabalho do cidadão que nasce a economia criativa e a riqueza de um país.

A “economia social de mercado” teve sua origem na Alemanha Ocidental após a Segunda Guerra Mundial e foi apresentada a partir das teses do chanceler alemão e democrata-cristão Konrad Hermann Joseph Adenauer (1876-1967). Ele implantou essa economia a partir das democracias e a participação popular – ou pressão pública. As teses de Adenauer foram aplicadas como uma política de Estado, destaque três: o de conduzir o povo alemão para uma liberdade, igualdade e empreendedorismo; de inserir confiança no país numa comunidade pacífica; e de incentivar uma unidade entre os Estados e países. Adenauer, a partir de 1949, priorizou um desenvolvimento econômico com bem-estar e equilíbrio social. Também estimulou uma economia de consenso e de cooperação. Ele harmonizou a relação entre os sindicatos e patrões, de forma a coordenar o salário com a produtividade a fim de dignificar os rendimentos dos trabalhadores. Adenauer criou acordos para manter os empregos e financiamentos para investir na produção e na força de trabalho. Ele implantou uma Lei para integrar o trabalhador e a empresa em um só conselho de administração, na qual os sindicatos estavam nesse conselho para participarem das decisões estratégicas nas empresas. Nessa “economia social de mercado”, o sistema financeiro prioriza a manutenção do emprego e da renda, e se fortalece através da política de créditos das cooperativas e bancos públicos para os cidadãos e empresas.

Irei dar continuidade a esse ensaio na Rádio Tabajara. Sinta-se convidado para a audição do 264 Domingo Sinfônico, deste dia 26, das 22h até as 0h. Baixe o aplicativo ou busque no Google radiotabajara.pb.gov.br; sintonize AM 1.110 ou FM 105,5. Irei comentar o pianista, compositor e as peças do russo Dmítriy Dmítriyevich Shostakóvich (1906-1975). Diante das tragédias da guerra e da loucura dos ditadores, ele construiu um senso crítico – no povo – para enfrentar a fome, o terror e a política de morte.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Muchas gracias, Penha

Estou em minha Rua Paulino Pinto, Cabo Branco, a conviver com o silêncio. Outro dia, ouvi nosso cachorro uivar. E ele só faz isso quando um milionário (?) passa com sua Ferrari. O animal imita o motor. A irritação aumentou nesses últimos dias. Boto a cabeça do lado de fora e não vejo nada. Volto para o computador e penso em desenhar a cena sem detalhes. Não consigo.

Lembrei do antropólogo Lévi-Strauss, que em uma de suas últimas entrevistas, de 2008, disse não pertencer mais à humanidade numerosa dos nossos dias. Que lucidez extraordinária. Ele faleceu, um ano depois, em novembro de 2009, aos 101 anos.

O nome do cachorro é Bolinha, mas eu chamo de Bola. Ele anda aflito com o aprisionamento nos últimos dias. Não há muito o que fazer a não ser aguardar a vez de levar ele para dar uma caminhada na beira-mar. Outros outubros virão. Ele adora a rua. Todo mundo, né? Ou quase.

Uma mulher que vigiava nossa rua com seu jeito autoritário, uma mulher sofrida, já não acena mais para mim. Ela passou a vida toda sentada na cadeira em sua calçada, vizinha à nossa casa, como se namorasse o vazio. Não cheguei a vê-la de máscara. Ela não acreditava em coronavírus. Adorava galinha cozinhada, feijão de corda e arroz de graxa.

Naquele pedaço da calçada (foto abaixo, a casa era um cubículo), havia uma humanidade representativa do que somos. O nome dela era Penha. Maria da Penha Marques da Silva. A única, além de Lázaro, que morreu duas vezes. O ano passado chorei sua morte. De noite, ao voltar para casa, soube que ela não tinha morrido. Dura na queda. Comemorei.

Sob o calor infernal de um março atípico, o mundo estancou. Já estamos fechando esse abril despedaçado, e vem muita tragédia por aí. Quem viver, verá. Mas Penha não sobreviveu. Ela jamais saberia quem foi antropólogo Lévi-Strauss. Ela nem sabia que pertencia a essa humanidade que o antropólogo falou, que hoje lava as mãos o dia todo, com medo da morte.

Nervos à flor da pele negra, ela viu seu filho Galego ser assassinado em 2017, jovem, tinha 19 anos. Penha parecia um touro, um personagem de Cem Anos de Solidão. Domingo (passado) foi deitar e não acordou. Ela se encaminhou para outro lugar. Nada parecia acalmar a mesmice do entardecer.

Ela olhava para o céu azul, preparando-se para receber a noite, em sua completa solidão, diante da nossa rua sem cenário, pastorando a aflição de fisionomias entregues à impaciência do que está por acontecer.

O tempo machadianamente vai enterrando pessoas e sonhos, as tragédias, sem percebermos o desmonte dos anos, que é uma forma de resistência. Só ela, Penha, botava moral no nosso perdigueiro e ele a obedecia. Quando Bolinha saía para rua, eu gritava: Penha, manda Bola entrar. Ela ficava em pé, uma estátua majestosa fazia o cachorro botar o rabo entre as pernas e entrar em nossa casa.

Não vou lamentar sua morte nem sua sorte. Certamente, lamentarei os intermináveis momentos de alegria, a Penha de todos os dias com seu histriônico espanto.

Volto à realidade. Por um instante esqueço que estou na Rua Paulino Pinto, esqueço que Penha morreu em pleno alvoroço de rostos anônimos e apreensivos das valas e covas do Covid-19. Então, sobrevivo.

Kapetadas

- 1 - Dia que passa, amor que não retorna. Crepúsculo feito de auroras.
- 2 - Sim, estamos numa nova era, a Já Era!
- 3 - Puxa vida! Me parece que, quanto mais limitado o indivíduo, mais passa dos limites.
- 4 - Som na caixa: “Como se ainda sentissem o teu olhar”, Toninho Horta.

Foto: Arquivo Pessoal



Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

“Coronavídeo”: uma nova pandemia em rede social

O isolamento social sob o qual hoje vivemos, ele não chegou por acaso. Ele faz parte da evolução dos tempos, de um frenético incremento científico e tecnológico, inclusive nas comunicações. Nos chega configurado com o conceito sociológico de pós-modernidade. Veio para nos advertir seriamente daquilo que previu ao grande escritor americano Alvin Toffler em sua célebre obra *A Terceira Onda*.

Pondero aqui, diferentemente da atual pandemia que vivemos – uma reclusão social que tem o gosto amargo do desconforto, até da desesperança –, sobre uma *seclusion at home* imperativa sobre a qual pensou e escreveu o autor em seu importante saltério. Quando previu uma então regalia futura (não *off-home*) de se seguir trabalhando com as “novas ferramentas” que hoje dispomos. O que já vem sendo possível desde a chegada deste século...

Mas aqui peço vênias aos dominqueiros leitores desta coluna, pelo desvio do nosso costumeiro raciocínio “cinemista”, para visualizar a possibilidade de um novo termo, que julgo bastante oportuno aos tempos atuais, diante de tantas e curiosas expressões inovadoras que vêm sendo usadas e perfilando há algum tempo nas redes sociais. “Surto” em que é possível se criar mais um novo vocábulo bizarro, o que não seria pecado nenhum.

Nesses tempos de pandemias de toda ordem – econômicas, governistas, até nos valores institucionais –, igualmente veiculadas pelo *world wide web*, nada como acrescentarmos mais um modismo fabular. Mas isso, respeitando a supremacia do Covid-19, claro!

Indicaria: Corona(vídeo). Ou seja: Coronavídeo (não confundir com o coronavírus). O que, no fundo no fundo, teria a mesma nocividade social. Se le-



Foto: Divulgação

Espalhando as mais estranhas e enfadonhas imagens, as chamadas ‘fake news’ viralizam pelas redes sociais

vamos em conta os aglomerados de besteiras que circulam atualmente na internet. E não é impossível assimilar que o atual “coronavídeo” se apresenta muito bem. E como as redes sociais têm viralizado, de forma inepta, as mais estranhas e enfadonhas imagens, na grande maioria nocivas à integridade humana, como as que hoje se rotulam de *fake news*...

Com a lepeidez que hoje temos no uso do celular, não é difícil permear as barreiras do tempo com propostas audiovisuais cada vez mais distintas e curiosas. Note-se a situação febril das selfies. Nesse caso, o descuido de muita gente tem sido infausto ao usar desse

recurso de autopromoção visual. E em muitos estudos já se comenta sobre o espaçoso “poder viral” dessas práticas, não menos por suas facilidades nas atuais comunicações. Quiçá, seja esse um novo mal inexorável do século.

Pois é... com tudo que temos testemunhado ultimamente nesse mundo social “civilizado”, o melhor mesmo é ficar em casa. E se temos a chance de seguir as previsões de Toffler que o façamos. Como o meu estimado netinho Arthur, que vem tendo suas tele-classes *at home* sem precisar sair de onde mora... – Mais “coisas de cinema”, dê um “like” em www.alexasantos.com.br



APC: Finalidades

A Academia Paraibana de Cinema (APC) é uma associação civil, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, regida nos termos de seu Estatuto e demais disposições aplicáveis. No seu Art. 30, Parágrafo Único, é vedada no ambiente da APC a realização de manifestações sobre assuntos diversos das finalidades da entidade, especialmente os de natureza política e religiosa. Dentre muitas ações, objetiva a preservação e divulgação do cinema da Paraíba, e a corporação de paraibanos que atuam ou que tiveram participação na cinematografia, em ações sobre a imagem em movimento e a organização eventos. Sua finalidade é promover encontros, palestras, seminários sobre cinema, bem como assistir aos cursos destinados ao conhecimento cinematográfico. A diretoria da APC é eleita para um mandato de três anos, podendo ser prorrogado.

Poesia em Libras

Editais de emergência contempla a comunidade artística surda

Poetas surdos de todo o país são o foco da quarta área abrangida por Arte como respiro: múltiplos editais de emergência do Itaú Cultural. A partir de amanhã, será aberta as inscrições online de projetos para Poesia Surda. Voltado exclusivamente para artistas surdos ou com deficiência auditiva e maiores de 18 anos, esse edital receberá propostas até as 23h59 (horário de Brasília) da próxima sexta-feira, 1º de maio.

O edital abrange apenas a poesia surda, descartando qualquer outro gênero literário dentro da modalidade. A poesia inscrita deve estar finalizada e ser uma criação individual do artista participante. Ela deve ser apresentada, no ato da inscrição, em formato de vídeo em Língua Brasileira de Sinais (Libras), com legendas em português ou em visual vernacular – recurso artístico e poético

próprio das línguas de sinais, também conhecido no Brasil como Libras 3D. A equipe de Educação e Relacionamento do Itaú Cultural selecionará até 100 trabalhos, que receberão, cada um, o valor bruto de R\$ 2,5 mil como remuneração pelo licenciamento dos direitos autorais da obra. Os selecionados serão informados por e-mail até o dia 25 de maio e os trabalhos contemplados serão apresentados ao público virtualmente em um prazo inicial de até seis meses – o qual pode ser alterado diante do quadro de necessidades da instituição.

Fica a cargo do Itaú Cultural a forma de exibição dos trabalhos contemplados. Estes poderão chegar ao público por meio da grade de programação virtual da organização, por suas redes sociais ou, ainda, pelos canais e mídias dos próprios artistas.

“Nesse momento de pandemia mundial, acreditamos ser importante essa aproximação com a comunidade artística surda, acolhendo trabalhos produzidos anteriormente ou criados nesse período de recolhimento necessário”, diz Valéria Toloí, gerente do núcleo.



Através do QR Code acima, acesse o site para as inscrições do edital ‘Arte como Respiro’

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Poema e pandemia

Como lidar com o coronavírus dentro da profilaxia do poema? O que pode o poema diante da pandemia? Sim, porque o poema se quer uma partogênese da paixão pelas coisas vitais do planeta. Paixão que pode atenuar o sofrimento desencadeado pelas patologias.

Sinto que falta poesia nesses anos de um novo milênio. Ou melhor: sempre senti falta de poesia em todas as épocas. E a poesia é uma coisa tão simples, tão natural, tão gratuita, tão humana. Uma experiência tão democrática. Uma espécie de utopia cotidiana que parece dar sentido ao itinerário imprevisível da história. Ah! A poesia é história e é também mito. Ou seja, aquele nada que é tudo, como diz Fernando Pessoa.

Quando dentro das palavras, solerte e vívida, pelo miolo das sílabas e pelo uivo dos fonemas, a poesia vai se aproximando da forma, que é o poema. A estética que contém a ética. E a linguagem, nas suas circunferências verbais, vai adquirindo uma organização especial e única. Digamos que as palavras passam a compor uma espécie de orquestra de signos, símbolos e ícones a guardar e preservar o volume inapreensível dos sentidos, o sabor, o odor e a música do mundo.

A poesia é o mundo. O poema é a palavra.

Um pássaro corta agora o tecido do vento. Essa coisa da natureza nua é a poesia que se dá e se mostra. Há os que veem e os que ignoram. Se registro, com uma pinça metafórica e o violino dos vocábulos, esse flagrante gratuito, talvez já comece a habitar a choupana do poema.

Poesia é fenômeno. Poema é fonema.

A poesia é silêncio. O poema canta...

A poesia está nas cartas de amor. Na confissão ao analista. No recolhimento da oração. Esta lá nas águas estagnadas dos açudes que secaram, na gota de sol que pinga a energia cósmica na pele das criaturas, no lodo que devassa a boca da noite escancarada sob a indiferença das estrelas. Está dentro do peito que pulsa a vontade de viver e nos interstícios sinuosos dos passos que a morte desenha para engolir o mistério de tudo.

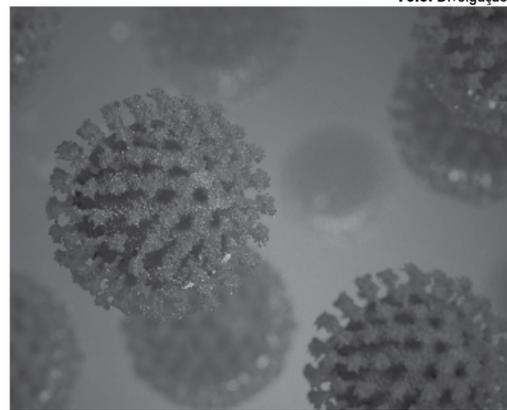
Desses dados utilizados, desses materiais concretos e intangíveis, pode-se edificar a casa do poema. Só de tijolo a tijolo se constrói o poema. O poema se quer a Meca da poesia, o templo substantivo que abriga e afaga suas crateras e cicatrizes, suas ostras e estrias, seus magos e seus incunábulo.

Jogue uma pá de cal por entre as frinças dos versos e cimente, com os nutrientes da dor e do espanto, as colunas de cada estrofe; faça o acabamento com a última e delicada demão, crismando a estrutura com as cores do arco-íris, e aí o poema vai brotar como um cacto selvagem, inocente e puro, em meio ao desconforto dessa civilização que agoniza.

Só o poema comporta o licor e a vacina contra o coronavírus. Só o poema vai vencer a pandemia, com sua poesia medicinal que cura as misérias do homem e desinfeta o vazio das ruas. Só o poema sabe negociar com a morte, com o imponderável, com o desconhecido. Vamos, pois, sentir, cultivar, amar a poesia das coisas e escrever o poema do mundo.

A poesia é saúde. O poema é a salvação!

Foto: Divulgação



Colunista colaborador



Covid-19 faz atleta deixar EUA para cuidar dos pais na capital

Fabiano Papel, lutador de jiu-jitsu, está em João Pessoa torcendo para que essa pandemia acabe para retomar o esporte

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Por conta da Covid-19 (novo coronavírus), Luiz Fabiano da Silva Oliveira, conhecido no mundo do Jiu-jitsu como Fabiano Papel – pela leveza e flexibilidade de seus movimentos – precisou paralisar uma temporada promissora nos Estados Unidos para retornar a João Pessoa e cuidar de seus pais que integram o grupo de risco à doença – a mãe está com 67 anos e o pai com 68 –. Com três títulos em sequência em solo norte-americano, país que atualmente reúne as principais competi-

ções da “arte suave” – denominação também utilizada para a modalidade –, o atleta de 38 anos espera poder retornar em breve às disputas na nova casa.

Natural de São Paulo, mas com pais paraibanos, Fabiano mudou-se com sua família para João Pessoa em 1996, quando tinha 14 anos e foi dois anos depois, já na capital da Paraíba, onde encontrou e começou a praticar o jiu-jitsu, esporte de origem asiática que no Brasil foi reformulado graças ao trabalho da família Grace – referência mundial no esporte e responsável pela criação do jiu-jitsu

brasileiro, variante de maior sucesso da modalidade –.

A motivação inicial para ingressar na modalidade não foi a ideal, mas a história de Fabiano Papel começou como a de boa parte dos praticantes do esporte. Cheio de energia e no começo da juventude, o futuro atleta – aos 16 anos, e após uma briga em sua escola, resolveu procurar um esporte de luta onde pudesse descarregar sua energia e ficar mais forte para escapar ileso de futuras brigas, contudo, encontrou o inverso no jiu-jitsu e descobriu um caminho de disciplina, respeito, resignação e comprometimento com

o esporte. Mais tarde e já adulto foi também, através da arte suave, que superou um período de depressão e tornou-se professor ou melhor dizendo, sensei, professor ou mestre em japonês. “Iniciei no jiu-jitsu em 1998, devido a uma briga no colégio. Entrei com um péssimo intuito, mas fui muito bem orientado e apenas usei a luta para minha saúde e em competições. Treinei até 2001 e tive que parar para estudar e trabalhar. Em 2009, fui diagnosticado com depressão e estava muito acima do peso, então voltei a praticar o esporte em 2010. Dois anos depois recebi minha faixa preta

e comecei a dar aulas, até que surgiu a oportunidade de voltar a competir e dessa vez no nível profissional”, lembrou Fabiano Papel. Com o crescimento das artes marciais mistas (MMA em inglês) o jiu-jitsu se popularizou ainda mais no Brasil e ganhou o mundo, pois a modalidade é uma das bases principais para esse esporte que surgiu também com a contribuição e participação da família Grace, com destaque para Royce Grace, vencedor das primeiras edições do UFC, maior evento de MMA do planeta. No Brasil, o marco para a ampliação desse esporte se deu ao longo dos anos 2010,

quando eventos de MMA passaram a ser transmitido em canais de televisão aberta. Com a maior visibilidade e o sucesso de brasileiros como Anderson Silva, o jiu-jitsu também ganhou novos praticantes e academias em todo o país. Essa ampliação de público fez surgir a chance para que pessoas como Fabiano Papel pudessem finalmente viver desse esporte no Brasil. Foi nessa janela de oportunidades que, após retornar a praticar a modalidade e vencer a depressão, o atleta pôde se tornar professor e passar seus conhecimentos para outros.

+ Fabiano enfrentou muitas dificuldades antes de se destacar

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

No entanto, além de ensinar, Fabiano ainda guardava um sonho, o de retornar às competições de jiu-jitsu. No passado havia vencido várias disputas em nível estadual e regional, contudo, vivendo na Paraíba, ele se encontrava distante das principais disputas que ocorrem no Brasil, restritas ao eixo Sul-Sudeste, assim também como não tinha condições de participar dos eventos internacionais. Atualmente, os Estados Unidos concentram as principais e mais rentáveis competições da modalidade.

Foi aí que em 2017 veio a grande oportunidade para o atleta. Com ajuda da mãe de um dos atletas treinados por ele, Fabiano partiu de João Pessoa para treinar nos EUA com o brasileiro Caio Terra, atleta 12 vezes campeão mundial da modalidade. Após a clínica de treinamentos com o novo mestre, ele, em 2018, foi participar de sua primeira disputa

internacional e conquistou o vice-campeonato Pan-Americano. Uma mudança completa em sua vida em menos de um ano.

“No Brasil é complicado viver de jiu-jitsu e competir com frequência. Todos os grandes torneios são no sul do país e isso me impedia de participar. Em 2017, a mãe de um aluno me ajudou a ir para os EUA para disputar o Pan-Americano e eu agarrei essa oportunidade. Fiquei treinando na academia do professor Caio Terra e pude crescer bastante. No Pan consegui ficar em segundo lugar e aí foi quando percebi que esse era o caminho que eu queria buscar na minha carreira”, afirmou

Em 2019, o foco passou a ser vencer o campeonato que, no ano anterior, havia “batido na trave”. Com isso, mudou-se para a cidade de San Antonio no Texas – estado referência do jiu-jitsu nos EUA –, onde ingressou na Champions Factory, academia afiliada da Caio Terra Association. Integrando o novo time, recebeu a proposta de se transferir de

vez para os Estados Unidos. Já morando lá, uma lesão o tirou da disputa do Pan-Americano que no ano passado ocorreu em setembro. Um mês antes havia vencido sua primeira disputa no novo país, o Open de Verão em Austin – também no Texas.

Após a confirmação da lesão, que o retirou do Pan, ficou dois meses longe dos tatames trabalhando em sua recuperação. Completamente recuperado, voltou aos treinamentos no fim de 2019 e, em janeiro deste ano, disputou o torneio Open de Inverno de Austin, sendo novamente campeão em sua categoria, a Master 2 Pena – para atletas entre 35 e 40 anos com até 70 kg –. Na mesma competição, ainda venceu a disputa no nível absoluto que reúne todas as categorias sem restrição etária.

Com as novas medalhas de ouro após a sua recuperação, o foco de Fabiano passou a ser a disputa do Pan-Americano deste ano e a subida no ranking mundial para que possa disputar a principal competição do esporte.



Fabiano Papel conquistou, este ano, em janeiro, o Torneio Open de Inverno de Austin

Símbolos do NE, cactos podem desaparecer

O melocactus conoideus, conhecido como coroa-de-frade, é uma das espécies ameaçadas

Pelo menos 32 espécies de cactáceas estão ameaçadas de extinção. Projeto alerta para importância da preservação

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Conscientizar para preservar. Pode-se dizer que esse é o lema do projeto "Conhecimento, conservação e uso da biodiversidade vegetal do Semiárido brasileiro", que teve início em 2014, com a inauguração do cactário Guimarães Duque, uma iniciativa do Instituto Nacional do Semiárido (Insa) e é coordenado pela pesquisadora Fabiane Costa. O intuito do projeto é expandir o conhecimento científico acerca das plantas cactáceas do Semiárido para que estas sejam preservadas, conservadas e utilizadas de maneira sustentável.

Atualmente, parte do projeto conta com o financiamento da Rufford Foundation, um fundo que possui sede em Londres, no Reino Unido, voltado para financiar projetos de organizações de pequeno ou médio porte de países em desenvolvimento que visam a conservação da natureza. Mais informações sobre o financiamento podem ser consultadas no site: https://www.rufford.org/projects/vanessa_gomes_0.

Vanessa Gabrielle Nóbrega Gomes, de 31 anos, é ecóloga e pesquisadora PCI (Programa de Capacitação Institucional) do Instituto Nacional do Semiárido (Insa). Ela atua no projeto com a parte de ecologia, curadoria e manutenção da coleção do cactário. De acordo com Vanessa, o projeto "integra atividades de campo,

para coleta de espécies visando o enriquecimento da coleção ex situ (fora do lugar de origem) do Cactário Guimarães Duque, em Campina Grande, e, após as coletas, são realizadas atividades de curadoria e tombo", explicou.

As informações relativas a cada uma das plantas coletadas são acrescentadas ao banco de dados do cactário, que reúne, por exemplo, os nomes científicos, nomes populares, os locais onde foram coletadas, hábitos, status de conservação e a distribuição geográfica de cada planta. "Realizamos um trabalho de cuidados constantes dos espécimes através de rega, poda, desempacotamento de raiz, revisão de substrato e controle de doenças", completou Vanessa Nóbrega.

Com todo esse tempo de trabalho sendo exercido, o acervo do cactário já conta com 153 espécies e 1.053 espécimes, dentre cactos e outras plantas suculentas. Desse número total, 81 são de espécies nativas do Semiárido brasileiro que, segundo Vanessa, representam 70% da diversidade de cactos da região. Das 32 espécies que são listadas como ameaçadas de extinção na Caatinga, 24 delas são mantidas na coleção e, a ecóloga Vanessa Nóbrega destaca quatro "classificadas como criticamente ameaçadas: melocactus conoideus, melocactus ferreophilus, micranthocereus streckeri e pilosocereus azulensis", disse.



Foto: Divulgação

+ Público pode visitar o cactário em CG

Paralelo à curadoria e ao trabalho com o acervo, o projeto se volta também para as pesquisas nas áreas de "Cultivo e propagação, Taxonomia e Sistemática, Ecologia, Citogenética, Cultivo in vitro, Biologia Molecular e Bioprospecção", afirmou Nóbrega. Além disso, também acontecem atividades direcionadas para a questão da educação ambiental e outras ações de "conservação ex situ das espécies da coleção são executadas pelos pesquisadores do Insa", compartilhou a pesquisadora. O termo ex situ significa fora do lugar de origem, ou seja, esse tipo de conservação é relacionado à proteção de espécies que foram transportadas para uma localização diferente do seu habitat natural – que geralmente é ameaçado.

Ao todo, o projeto conta com 11 colabo-

radadores, dentre coordenação e bolsistas. São eles: Fabiane Costa (coordenadora), Carlos Cassimiro (agroecologia, manutenção da coleção), Daniel Amaral (biologia molecular), Daniel Araujo (bioprospecção), Juliana Freitas (taxonomia, curadoria e manutenção da coleção), Lania Alves (citogenética), Pollyana da Silva (cultivo in vitro), Vanessa Nóbrega (ecologia, curadoria e manutenção da coleção), Cattleya Félix (manutenção da coleção), Elivânia Barral (biologia molecular) e Mariana Baez (citogenética).

O público pode participar do projeto através de estágios, minicursos, doações e troca de materiais. Além disso, é possível fazer visitas guiadas ao cactário para conhecer a coleção de cactos, das outras plantas suculentas e também os laboratórios.

Continua na página 14

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Vital permanece fiel ao que pensa

É algo raro, hoje no Brasil, um compositor que seja nacionalmente conhecido e possa ser considerado como um ativista.

O paraibano Vital Farias (foto) está entre as exceções, ao ponto em que já foi candidato ao Senado, muito bem votado ao levar-se em conta a falta de uma estrutura financeira ideal para a campanha.

Vital Farias, então, não só é um excelente violonista, pois o violão é um braço a mais do seu corpo.

Não é só o poeta comprometido ("pois mataram o índio, que matou grileiro, que matou posseiro, disse um castanheiro para um seringueiro, que um estrangeiro roubou seu lugar").

Não é só o poeta de romancismo rasgado ("não se admire se um dia um beija-flor invadir a porta de tua casa, te dar um beijo e partir; fui eu que mandei o beijo, que é pra matar meu desejo; faz tempo que eu não te vejo, ai que saudade de ocê").

Não é só o compositor consciente, o

Vital Farias mandou a empulção para a cesta de lixo e passou por cima de uma pretensa crítica

Foto: Roberto Guedes



arranjador, o intérprete de si e de outro, o regente. Vital é o ativista na música - essa figura que aprendemos a admirar em poetas como Bob Dylan, vozes como Joan Baez, filósofos como John Lennon, adjacentes rafastarianos como Jimmy Cliff.

Por onde Vital Farias passa, a discussão se instala e continua como "a pedra do reino" se multiplicasse. É como se fosse a metralhadora pensante do aparente silêncio do homem do sertão. Somente aparente. Não diziam também que os vietnamitas pecavam pelo silêncio? E pecaram? A história provou que não, pois o silêncio era somente aparência.

Quem traduz bem todo esse universo de Vital Farias é o também iluminado Balduino Lellys. Por que quase todas as vezes que passo por essas coisas tenho de citar Balduino? Por causa dessa sabedoria própria de Taperoá que Vital Farias decodifica em música - cultura que tem unicidade com as outras.

Lembro de um disco de Vital chamado "Sagas brasileiras". Quando lançado, o lúcido Márcio Souza escreveu: "A música e poesia de Vital Farias sempre me atraíram pelo espírito de resistência popular (...). Em cada música, em cada poesia inspirada, bane para longe o conservadorismo simulador". "Sagas brasileiras" era (e continua) justamente o que o escritor d'Amazônia percebia: "Saga de Severino", "Saga do Boi de Mamão", "Saga da Amazônia".

Não importa até a definição do mais próximo dicionário sobre saga e sagas. Se a de canção lendária ou heroica, tanto faz, ou se de uma narrativa rica em incidentes. Importa mesmo é que Vital Farias mandou a empulção para a cesta de lixo, passou por cima de uma pretensa crítica, permaneceu fiel a seus pensamentos, manteve seu conceito de coerência.

Liberdade

Há várias formas de provocação. Uma delas é quando não há interlocução direta ou indireta. Posso ser provocado a tomar uma atitude lendo apenas uma frase de alguém. Foi o que aconteceu ao ver uma das postagens feita por Rosana Hermann em seu blog.

Algumas pessoas não obrigatoriamente atentas para a maioria do que se publica e faz no Brasil podem até não estar linkando o nome de Rosana às suas mentes. A paulista Rosana Hermann recebeu da Deutsche Welle o prêmio BOBs Awards, por fazer o melhor blog em língua portuguesa, quando passou a ser conlunista do "Jornal da Record News". A postagem oportuna de Rosana Hermann terminou assim: "Pequena e vazia. Mas ainda tenho coragem pra dizer que precisamos todos nos curar dessa doença social

chamada egoísmo que mata". Assino embaixo.

Apesar de ser usuário da Internet em quase todos os sentidos e de ter sido o primeiro jornalista na Paraíba que editou em computador um caderno de cultura usando a informática, tenho suficiente cautela no uso das redes sociais. No Facebook, por exemplo, estou entrando menos, até porque detesto dependências.

O Face foi criado com uma estrutura que leva os desavisados a uma dependência que anula sua vontade de fazer outras coisas, que são bem mais úteis, como ler um livro, ouvir um disco, ir ao cinema para ver um bom filme numa telona, beber ou almoçar ou jantar com amigos, sem ter que levar um iPad.

Eu sempre prefero a liberdade.

Plantas estão entre as dez mais ameaçadas no Brasil

Cactáceas desempenham papel importante no equilíbrio e manutenção dos ecossistemas, alertam pesquisadores

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

As ações do projeto são voltadas para as plantas cactáceas do Semiárido brasileiro. De acordo com as pesquisas da ecóloga Vanessa Nóbrega, “a família Cactaceae é reconhecida por sua diversidade de espécies, importância ecológica e econômica, sendo utilizada de múltiplas formas (paisagismo, forrageiras, medicina tradicional)”. Contudo, é uma família que também está classificada dentre as dez mais ameaçadas da flora brasileira.

A ecóloga explica que os cactos possuem um papel relevante nos ecossistemas porque apresentam um sistema de raiz amplo e superficial, que interfere nos processos de desertificação e erosão do solo. “Em ambientes áridos e semiáridos com sazonalidade acentuada, muitas cactáceas podem apresentar atividade reprodutiva (floração e frutificação) independente das chuvas e assim oferecer recursos continuamente para a fauna local, mesmo em períodos de escassez de recurso”, completou Vanessa Nóbrega.

Dentre os recursos que são oferecidos pelas cactáceas, é possível citar pólen, o néctar das flores e também frutos carnosos que são ricos em água e em açúcar. “Estes recursos são utilizados por diferentes grupos de animais, como aves, morcegos, lagartos, abelhas, mariposas, borboletas, os quais podem atuar como mutualistas nos processos de polinização e dispersão de sementes”, afirmou Vanessa. Essas relações são fundamentais na manutenção e no funcionamento do ecossistema.

Com sistema de raiz amplo e superficial, cactos ajudam a prevenir processos de desertificação e erosão do solo



O Cactário Guimarães Duque, um projeto do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), está instalado em Campina Grande

Fotos: Divulgação

+ Comércio ilegal de cactos afeta preservação



Os cactos são bastante procurados para ornamentação, mas é preciso saber a forma correta de uso

Na Paraíba, as espécies mais comuns são os cactos colunares, como o mandacaru (*Cereus jamacaru*), o xique-xique (*Pilosocereus gounellei*) e o facheiro (*Pilosocereus pachycladus*), e o cacto em formato de globo, o famoso coroa-de-frade (*Melocactus ernestii*). “No Nordeste, o Estado com maior diversidade é a Bahia, onde encontramos uma elevada riqueza de espécies, principalmente de cactos globosos do gênero *Melocactus*, o coroa-de-frade”, destacou Nóbrega.

A ornamentação é um dos caminhos que levam as plantas do tipo cactáceas ao risco de extinção. Segundo Vanessa, um estudo de avaliação global que foi

publicado em 2015 alertou que 1/3 dos cactos do mundo sofrem risco de extinção. “Entre as principais ameaças estão: perda de habitat, coleta indiscriminada e comércio ilegal para ornamentação. As altas taxas de extrativismo e a coleta de indivíduos inteiros na natureza resultam na redução das populações e comprometem a sobrevivência das espécies, que em sua maioria apresentam desenvolvimento lento e baixas taxas de recrutamento”, pontuou. Para a especialista em Ecologia, o cenário ideal de preservação para o ramo da ornamentação é aquele em que os “produtores utilizem matrizes para multiplicação e germinação através de sementes”, finalizou ela.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Cidade em coma

A cidade amanheceu em estado vigente de apatia. E chuvosa. Num passado recente, eu estaria pedalando na praça, distribuindo livros nos bancos e jardins. São seis horas da manhã de um abril fragmentado, dividido e demente. Nesse sentido, o bom senso fugiu do Palácio e nunca mais foi visto. Resta à minha cidade continuar no seu sono profundo, o corriqueiro estado de inconsciência, desequilíbrio que nos levou a esse adormecimento.

O córtex do povaréu, em coma, indica o que ele acha que pensa. Sistema de cognição não ativado, engole diariamente doses altíssimas de drogas ansiolíticas nas telas da TV, no rádio e no celular. Os transtornos cerebrais não tardam. Sistema nervoso embaçado, não percebe a realidade em volta. Não compreende e não responde ao mundo, esse novo e trágico mundo à sua volta. Sua massa cinzenta se confunde, não interpreta as in-

formações e a cidade entra em coma. Forças ocultas monitoram e coordenam as ações. Não se trata de um fenômeno novo, naturalmente, mas a capacidade de pensar e agir por si próprio foi cedida, agora, a interesses e ideias muito mais perigosas. A perturbação mental da cidade nem permite sonhar. O único sonho possível é uma forma urgente de sobreviver e não pegar aquela gripezinha. Em nome do Pai, do Filho e do Consumo, tríduo supracumulo, o convite é para voltar às ruas em supérfluas ondas flutuantes de toxinas, em delirantes franquias.

Em coma, a cidade dá sinais de degenerescência. Desprezíveis atores de uma ópera burlesca e fascista rezando ajoelhados em frente a um quartel, cobertos com a bandeira nacional. Gabriel Garcia Marquez e seu realismo fantástico não pensaria em cena tão estranha fazendo parte da “normalidade”. Não mais existe tran-

quilidade e sanidade na cidade em coma.

Para registrar, faço essas observações dentro da minha reclusão voluntária de mais de vinte dias. Não sei se é verdade o que diz o rádio e as outras mídias. A impressão é que vivemos um pesadelo. A qualquer hora acordaremos e a bolha de sabão do pânico se desmancha.

A segunda etapa do processo de coma está em andamento. É o coma induzido provocado por uma espécie de crime organizado. Eles estão forçando evidências e fraudes. Eles corrompem o sistema nervoso da sociedade que permanece em coma. Eles faturam até de quem é saudável. Ontem, tomei um comprimido de vitamina C industrializado, tendo na geladeira um saco de limão.

* * *

RECANTO DAS LETRAS – Em

13 de abril do ano contaminante de 2020, publiquei uma sextilha sobre o músico Moraes Moreira, falecido no dia anterior. Foi o milésimo texto postado no Recanto das Letras, plataforma virtual de literatura, comunidade com milhares de contistas, poetas, cronistas, mensageiros de besteiro, articulistas do Brasil e um pedaço do mundo. Recanto das Letras é uma espécie de arca de Noé literária. Cabe toda espécie de criaturas, desde um elefante da palavra poética feito meu compadre Sander Lee até autores invertebrados, neófitos na arte de escrever. Nesse recanto, amigos se fortaleceram, grupos se formaram, diálogos começaram, cimentando rodas de autores e magnetizando pensamentos do norte ao sul.

ERRATA: O título da crônica anterior foi alterado. Leia-se “Parceria na quarentena”

Cuidados bucais são necessários na pandemia

Procedimentos estéticos, por exemplo, podem esperar, mas fraturas dentárias e outras urgências devem ser tratadas

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

A pandemia causada pelo novo coronavírus vem forçando as pessoas a mudar hábitos e deixar de fazer muitas coisas, pelo menos, por enquanto. Uma das atividades que ficou um pouco de lado em meio ao surto da Covid-19 foi a ida ao dentista. É sabido que é preciso ter uma boa saúde bucal, para evitar inclusive outros tipos de problemas. Mas em tempo de isolamento social, como fazer para manter uma boa higiene bucal e ter que se dirigir a um consultório?

A dentista Dalva Helena explica a importância de se manter a saúde bucal em dia. “Devemos manter a higiene bucal adequada, uma vez que a porta de entrada da infecção é o trato respiratório superior, boca (dentes, gengiva, periodonto, língua), faringe (garganta) e pulmões, onde ocorrem os agravos”, explicou.

Porém, há casos que necessitam de atendimento presencial. De acordo com

Dalva, alguns procedimentos podem ser adiados, mas outros, infelizmente, não podem esperar.

“Tratamentos chamados ‘eletivos’ ou mesmo estéticos podem, nesse momento, ser evitados, até em respeito às regras de isolamento social, tão necessárias na fase da pandemia que vivemos hoje no Brasil. Contudo, procedimentos de urgência como fraturas, traumas, eventos que submetam o paciente à dor ou sensibilidade extrema, casos que impliquem irritação periodontal (gengivas) ou submetam o paciente a constrangimento devem ser avaliados junto ao seu dentista. Afinal, o sorriso é um dos maiores fatores de fortalecimento emocional e familiar no momento em que vivemos. Por isso manter o paciente confortável e feliz consigo mesmo é tão importante”, disse.

Uma das principais vias de contágio da Covid-19 é a saliva. E os dentistas lidam com ela diretamente ao manusear o paciente. Por isso, é necessário tomar todos os cuidados devidos para que

ambos (paciente e profissional) não fiquem expostos aos riscos.

“Em nosso consultório, já adaptado aos mais rigorosos padrões de segurança biológica, os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), tanto para os profissionais, quanto para os pacientes, foram reforçados e adaptados ao tipo de exposição que o tratamento odontológico sugere em relação ao novo coronavírus. A desinfecção de todo o ambiente entre um paciente e outro vai ao encontro dessa segurança adicional, associada ao treinamento contínuo da equipe de apoio, tanto nas condutas de atendimento, como no manuseio do material odontológico”, descreveu.

“Boca saudável, pode-se dizer em resumo, é o caminho essencial para a saúde do corpo... e o seu descuido pode levar a doenças.”



Dentistas precisam seguir no atendimento, regras rígidas e portar, assim como o paciente, equipamentos de proteção

Boca é porta de entrada do corpo para vírus e bactérias

Como dito anteriormente, é importante manter a saúde bucal em dia, para evitar, além dos problemas diretamente relacionados, outras comorbidades.

“Com mucosas fartamente irrigadas por fluxo sanguíneo e com a constante presença de alimentos, a via oral pode se tornar uma porta de entrada importante para vírus, bactérias e outros corpos estranhos causadores de doenças. Além do que, a dentição sadia proporciona uma mastigação também equilibrada e fortalece nosso sistema imunológico, por meio da ingestão dos nutrientes tão necessários ao nosso organismo. Uma boca

saudável, pode-se dizer em resumo, é o caminho essencial para a saúde do corpo e o fortalecimento da nossa autoestima e o seu descuido pode levar a doenças como pneumonia, artrite reumatoide e endocardite bacteriana”, relatou.

Mas como fazer uma boa higiene bucal? Dalva explica. “Nesse tempo, e como deveria ser sempre, é necessário manter a higiene bucal em dia, diminuindo doces e açúcares e em hipótese alguma, ir para a cama sem escovar os dentes e usar o fio dental”, pontua.

Procedimentos adequados para uma boa higiene bucal:

- Higienização do dorso da língua (com higienizador específico ou mesmo escova de cerdas macias)

- Uso correto e rotineiro do fio dental (antes da escovação com dentífrico);

- Escovação dental com escova de cerdas macias (ao acordar, antes de dormir e depois de cada refeição), lembrando de trocá-las com maior frequência.

- Uso de enxaguantes bucais (antissépticos bucais) com agentes como o digluconato de clorexidina a 0,12% ou mesmo o peróxido de hidrogênio a 1% – água oxigenada

Com a diminuição na presença dos pacientes, os

consultórios estão cada vez mais vazios, o que vem causando preocupação para os profissionais e para as pessoas que trabalham com eles, como atendentes, recepcionistas, entre outros.

“Os dentistas, como todos os homens e mulheres que se dedicam à saúde do próximo, estão empenhados em amenizar o sofrimento da nossa população, nesse período tão difícil da nossa história. Nosso esforço tem sido no sentido de amparar os técnicos que integram nossas equipes e, ao mesmo tempo, sensibilizar os Conselhos e os planos odontológicos para que atuem com responsabilidade e em-

patia no esforço conjunto de manter as inúmeras famílias que, direta ou indiretamente, dependem dos nossos serviços. Se houver um envolvimento real, não somente dos dentistas, mas, principalmente, das cooperativas, do sindicato e das instituições reguladoras, venceremos esse momento e sairemos mais fortes. De outro modo, os prejuízos serão potencialmente robustos, não só em relação ao sustento de toda a cadeia de profissionais que se dedica à Odontologia, mas à própria credibilidade das instituições que nos representam e nos congregam para uma assistência de qualidade aos nossos pacientes”, finalizou.

NORMAS PARA EVITAR A PROPAGAÇÃO DO NOVO CORONAVÍRUS EM CASOS DE ATENDIMENTO DE EMERGÊNCIA OU URGÊNCIA EM CLÍNICAS E CONSULTÓRIOS

- Isolamento respiratório com o uso de máscaras cirúrgicas N95;

- Uso de avental, touca e luvas descartáveis, bem como óculos de proteção e protetor facial. O emprego dos equipamentos de proteção individual deve ser priorizado.

- Higiene frequente das mãos, principalmente antes e depois de cada atendimento;

- Desinfecção de todos os ambientes de trabalho após cada paciente

- Cuidados redobrados com o manuseio de modelos e moldes para efetiva desinfecção;

- Evitar cumprimentos como beijos ou apertos de mão;

- Seguir rigorosamente todos os procedimentos do manuseio para limpeza e esterilização dos instrumentos.



Normas de biossegurança foram estabelecidas para serem aplicadas em clínicas e consultórios

Altas temperaturas ameaçam corais na costa nordestina

Fenômeno de branqueamento preocupa ambientalistas, que apontam o aquecimento global como principal causa

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Nos primeiros dias de março deste ano, antes do registro de casos por coronavírus em João Pessoa, a bióloga marinha Karina Massei fez um mergulho técnico nos

corais do Seixas, na capital paraibana, como fazia quase diariamente. Karina foi surpreendida com um fenômeno conhecido, porém incomum na costa paraibana: o branqueamento massivo dos corais. Desde que começou a mergulhar com frequência no Seixas, há cinco anos, a bióloga nunca viu um branqueamento de forma tão abrangente, como ocorreu neste

ano. Em contato com a rede de monitoramento de corais do Nordeste, ela constatou, com apreensão, que o mesmo ocorreu em todos os estados.

“Sabemos que a principal causa do branqueamento acelerado dos corais foram as altas temperaturas deste verão, pois mesmo aqueles corais que estavam longe do turismo habitual apareceram esbranquiçados”, fala Karina

Massei, excluindo a hipótese da degradação pelo turismo. Por trás disso, está o aquecimento global - um evento natural nas diversas fases de existência do planeta Terra, porém, acelerado atualmente pela atividade insustentável humana. “Situações que eram para acontecer ao longo de 25 ou 50 anos, estamos vendo agora”, diz Massei.

O fato é um alerta, indica

que alguma coisa está errada e, se as condições normais não voltarem, os corais morrem. E se morrerem, o que acontece? Ficam comprometidas diversas espécies. Esses ambientes recifais não só abrigam os corais, mas também suportam uma infindável variedade de vidas - algas calcárias, políquetas, esponjas, crustáceos, moluscos, peixes, tartarugas, até mesmo os mamíferos.

“E nós, humanos, estamos também conectados, fazemos turismo, retiramos alimento e até produtos farmacológicos - alguns animais possuem toxinas que nos servem como vacinas e outros medicamentos”, complementa Karina Massei. E ainda, os corais protegem o continente, pois ajudam a reduzir a força das ondas minimizando a erosão costeira.

Calor leva animais marinhos à desnutrição e conseqüente morte

Por mais que todos pensam que o aquecimento global é algo natural e incontornável, se nesse instante o mundo parasse de desmatar as florestas em 100%, mesmo assim, a providência não seria suficiente para frear o ritmo acelerado do aumento da temperatura. Isto só seria possível se os países também parassem imediatamente de queimar combustíveis fósseis, como gasolina ou diesel.

No caso dos corais, o calor global que atinge os oceanos provoca estresse e

faz o coral expulsar as algas microscópicas que vivem em simbiose com ele. Essas algas, chamadas zooxantelas, são a principal fonte de alimento do coral; desnutrido, começa a perder sua coloração e branqueia, ficando mais suscetível a doenças. Essa é uma das hipóteses.

Ao chegar nessa etapa o coral ainda tem vida, mas demonstra que algo está errado e, se não houver correção, ele não resistirá. “Caso a temperatura da água retorne às condições normais em breve, os corais podem

sobreviver a um evento de branqueamento, as zooxantelas podem repovoar o pequeno número que resta no tecido do coral, devolvendo os nutrientes e, por conseguinte, a cor normal. O problema é que alguns corais não sobrevivem por mais de 10 dias sem as microalgas. Outros são capazes de sobreviver por semanas ou mesmo meses em um estado branqueado, alimentando-se de plâncton. Mas eles, provavelmente, crescerão menos, diminuirão a capacidade reprodutiva e estarão

mais suscetíveis a doenças”, ressalta Karina Massei.

Outros fatores locais podem fazer com que as microalgas se desprendam dos corais. Os pesquisadores apresentaram estudos baseados no aumento da poluição costeira, intenso fluxo de atividades humanas, pesca predatória, fazendo com que as algas não se sintam mais confortáveis com os corais e se soltam. Mas, segundo Massei, faltam investigações para compreender melhor a relação complexa desse ambiente.



Bióloga Karina Massei durante mergulho na Praia do Seixas, na capital



O branqueamento dos corais, causado pela desnutrição, tem sido verificado em todos os estados nordestinos

Evento foi registrado em toda a região

Esse branqueamento tem ocorrido em larga escala nos últimos 20 anos, embora nem sempre seja completo e nem sempre leve à morte da colônia. A perplexidade dos pesquisadores hoje é a quantidade de corais afetados. “Todas as espécies de corais que temos aqui no Seixas sofrerão”, complementa Karina Massei.

A rede de monitoramento reúne projetos de diversos estados em torno do programa #DeOlhoNosCorais. O Projeto Conservação Recifal, de Pernambuco, detectou momentos em que a temperatura está fora da média histórica a partir de dados de satélite. Desde o início de 2020 o mar está mais quente.

No Rio Grande do Norte, o monitoramento do Projeto

ReefBank apontou, neste mês de abril, que mais de 80% dos corais na área monitorada estão nessas condições. É uma imagem aérea impressionante ver os animais completamente brancos sob as águas cristalinas do mar. Pior: o branqueamento em massa foi e está sendo registrado por grupos de pesquisadores em cada Estado nordestino.

É preciso conhecer para preservar

“Apesar de parecerem uma grande quantidade de rochas, nos recifes marinhos vive um animal conhecido por coral. É considerado um dos mais antigos habitantes do Planeta Terra. Este animal fóssil resistiu a vários eventos e por habitar ambientes muito restritos, em mares tropicais de águas quentes, são excelentes indicadores das condições ambientais. Através deles, é possível compreender a história da Terra”, esclarece Karina Massei.

Esse animal é adaptado a viver em colônias e produz um esqueleto em sua volta durante toda a sua vida. Formam camadas e camadas que são bioconstruídas agregando outros organismos marinhos que também produzem carbonato de cálcio, como as algas calcárias e as conchas. Quando os corais morrem, e as condições para a vida são favoráveis, novos surgem e dão origem a mais esqueletos.

O maior desses recifes no mundo é a Grande Barreira de Corais em Queensland, na Austrália, formada por cerca de 2.900 recifes e 300 atóis. No Brasil, os recifes de corais ocupam cerca de três mil Km de costa e as ilhas oceânicas. São as únicas formações existentes no Atlântico Sul. Existem oito espécies de corais vivendo somente em mares brasileiros. Na Paraíba a maioria está bem próximo às praias.

Os recifes de corais do Seixas são

objeto de pesquisa da bióloga marinha Karina Massei, cuja tese de Doutorado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/Prodema) buscou compreender como e quando esses recifes se formaram (geologia), como funcionam e interagem (bioecologia), e como são usados. “É importante conhecer para preservar e promover a ciência cidadã”, salienta Massei. A pesquisa teve apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Pela abrangência, contou ainda com o apoio de pesquisadores do Laboratório de Estudos em Gestão de Água e Território (LEGAT/UFPB), de professores renomados e diversos laboratórios da UFPB e da UFPE, além do Aquário Paraíba e da Associação Náutica Extremo Oriental (ANEO). Atualmente, depende de recursos para a continuidade.

As Nações Unidas declararam para o período de 2021 e até 2030 a Década Internacional da Oceanografia para o Desenvolvimento Sustentável. A iniciativa visa ampliar a cooperação internacional em pesquisa para promover a preservação dos oceanos e a gestão dos recursos naturais de zonas costeiras. Atividades do decênio serão lideradas pela Unesco. Espera-se que não seja tarde demais.



Cangaceiro infiltrado abria caminho para Antônio Silvino

Natural da Paraíba, Rio Preto foi um dos principais personagens da invasão a uma propriedade no Rio Grande do Norte, em 1906

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Em fevereiro de 1906, chegou a Goianinha (RN) um desconhecido casal. A mulher era uma bonita moça, branca, aparentando uns 18 anos de idade e se chamava Ana Maria da Conceição. Vinha acompanhada de um homem negro, mais tarde identificado como Firmo José de Lima ou Luis Firmo – o famoso cangaceiro Rio Preto, ex-cabra de Antonio Silvino. Em agosto deste ano completa 110 anos de sua morte, por infecção, na cadeia do Recife, informa o historiador-cangaceirólogo Rostand de Medeiros, em Tok de História.

O desconhecido procurou o delegado Manoel Ottoni de Araújo Lima, para conseguir trabalho como agricultor. O delegado não lhe deu serviço, mas indicou-lhe o engenho “Bosque” cujo proprietário era o padre João Alípio da Cunha, que igualmente lhe negou trabalho, mas indicou-lhe o engenho “Jardim”, onde o administrador Manoel Lúcio Peixoto o admitiu. Os primeiros dias de Rio Preto no campo seguiram tranquilos. Mas, na comunidade, a desconfiança era geral. Chamava muita atenção aquele humilde trabalhador rural, acompanhado de uma mulher bonita e branca.

Na noite de fevereiro de 1906, um grupo armado atacou uma propriedade a 12 quilômetros de Goianinha. Os bandidos chegaram de surpresa e passaram a arrombar a porta da sede da fazenda. O proprietário Carlos de Paiva Rocha conseguiu fugir com uma irmã para os matos. Os bandidos usam da violência contra o vaqueiro Antonio Gomes, para que desse conta dos objetos de valor. Levaram joias, outros objetos pessoais, roupas e três cavalos para a fuga, deixando um prejuízo superior a um conto de réis.

Bandidos chegaram de surpresa e passaram a arrombar a porta da sede da fazenda. Levaram joias, outros objetos pessoais, roupas e três cavalos

Revelações sobre sua origem vieram por pressão

Rio Preto não tinha ligação com o assalto na propriedade “Martelos”. Mas não foi difícil supor que era obra de Antonio Silvino. Naquele momento, todo forasteiro seria considerado suspeito. E Rio Preto era um deles. Essas desconfianças fizeram o administrador da fazenda “Jardim” buscar informações com seu novo empregado, inclusive o passado dele, prometendo-lhe proteção em troca da verdade. Rio Preto, sem desconfiar, abriu o jogo sobre suas andanças no cangaço e a participação no bando de Antônio Silvino. O administrador Manoel Lúcio promete guardar segredo.



Fotos: Reprodução Internet

Casa sede dos Correios da época, em Goianinha-PE, de onde partiam as comunicações sobre os desdobramentos da prisão de Firmo

Dedurado pelo patrão, acabou preso

Manoel Lúcio Peixoto procurou discretamente o delegado e relatou tudo que o disfarçado cangaceiro tinha lhe falado. Em 19 de fevereiro, sem esboçar resistência, Rio Preto foi detido pelo delegado Ottoni. Rapidamente providenciaram o transporte do cangaceiro para Natal, pelo trem da Great Western. Houve um princípio de alteração quando Rio Preto soube que iria para Natal, sem sua companheira Ana Maria.

Esta foi levada para a Delegacia de Goianinha, onde, em depoimento, disse ter sido raptada pelo cangaceiro, desvirginada por ele e que passou a segui-lo espontaneamente.

No dia 20 de fevereiro, Rio Preto foi apresentado ao chefe de Polícia do Rio Grande do Norte, Heliódoro Fernandes de Barros, que telegrafou ao chefe de Polícia de Pernambuco, Santos Moreira. Este exultou com a notícia e organizou a transferência do detento para Recife. No dia 23 o prisioneiro seguiu para Recife no vapor “Una”, da Companhia Pernambucana de Navegação, escoltado pelo cabo André Avelino Bezerra e os soldados Artur Florentino e José Fonseca. Não ocorreram alterações durante o trajeto. Ao chegar à capital pernambucana, as seis da manhã do dia 25 de março, foi grande a quantidade de pessoas que pretendia ver o desembarque do cangaceiro no cais da “Linqueta”.

O major Augusto Jungmann, auxiliado por mais quatro policiais pernambucanos, juntamente com a escolta potiguar, retirou a fera do vapor. Em meio ao alvoroço, o grupo embarcou em uma lancha que os transportou pelo rio Capibaribe, passando pelas pontes Recife e Santa Isabel. A vida de Firmo José de Lima, nascido em 1882, em São Vicente Ferrer (PE), começou a desabar aí.

Segundo Rio Preto, quando tinha 17 anos e trabalhava na propriedade “Junco”, de Manoel Francisco, em Umbuzeiro, Paraíba (PB), provavelmente entre o segundo semestre de 1901 e o primeiro de 1902, chegou Antônio Silvino acompanhado de nove cangaceiros e assaltou a casa do seu patrão, que foi bastante surrado. Então para não morrer, o jovem Firmo teria, segundo sua versão, sido forçado a seguir com o bando e se transformou em Rio Preto, devido a sua cor.

Dois anos depois, em uma estrada nas proximidades do lugar “Mogeiro de Cima”, Rio Preto afirmou

que Antônio Silvino lhe ordenara surrar três viajantes, sem razão para isto. Houve uma discussão e os dois só não foram às vias de fato, devido à intervenção de Cocada, o mais respeitado componente do bando de Silvino que, mesmo assim, ficou ao lado de Rio Preto na contenda.

Unidos os grupos, tomaram destino para Fagundes, ainda na Paraíba, para matar um empregado do fazendeiro José Alves, por ser atribuída a este morador a delação que levou à morte do cangaceiro “Papa-Mel”, do grupo de Silvino. Após este ato, seguiram para o lugar “Surrão”, onde Antônio Silvino tomou do negociante Manoel de Mello um rifle e presenteou-o ao cangaceiro Cocada.

Rio Preto disse que saiu fugido da Paraíba, após um assalto de Silvino a a Mogeiro e Pilar (PB). Num desses lugares, onde passou uns dias, soube que o delegado ia indagar de Dona Aninha se ela estava com o negro espontaneamente ou fora raptada por ele. Com esta desconfiança, decidiu Rio Preto seguir para Goianinha, onde acabou preso.

Rio Preto, depois, seria encaminhado para a Casa de Detenção de Recife, em 9 de agosto de 1907, a fim de cumprir pena de nove anos de prisão. Três anos depois morreu de uma ferida infeccionada, na penitenciária de Recife. Outra versão dá conta de que teria morrido na cadeia de Pombal, depois de gravemente ferido por pessoas da família Leite, a quem teria humilhado raptando uma mulher e estupro.



Em 1910, morreu de uma ferida infeccionada, na penitenciária de Recife, capital de Pernambuco



A então Casa de Detenção de Recife hoje abriga a Casa da Cultura

Para Erialdo Pereira, ética e bom senso andavam juntos

Hilton Gouvêa (com Redação)
hiltongouvearaujo@gmail.com

Com longa militância no jornalismo impresso, tendo passagens em grandes redações, o jornalista Erialdo Pereira de Souza ficou reconhecido pela atuação no telejornalismo paraibano, com a implantação da TV Cabo Branco, em outubro de 1986 e permaneceu até abril de 2004, quando se aposentou. Por anos, acumulou a responsabilidade da direção do telejornalismo da Rede Paraíba de Televisão, que abrangia as equipes de João Pessoa e Campina Grande.

Nascido em Cajazeiras, em 1948, ele começou a carreira em João Pessoa nos anos 1960. Depois foi para o Rio de Janeiro, tendo atuado no Jornal do Brasil e na Rádio Nacional. Em 1978, retornou à Paraíba e trabalhou no jornal O Norte, do qual saiu para ser editor geral da TV Cabo Branco na fundação da emissora, posteriormente, assumiu o mesmo cargo na TV Paraíba. Ao se aposentar, cursou e concluiu o curso de Direito, em Campina Grande, aonde passou a morar.

“Erialdo Pereira, como primeiro diretor de telejornalismo da Rede TV Paraíba, foi um inovador, que trouxe do Rio para João Pessoa, um estilo redacional evoluído e elevou as estações de TV Cabo Branco e Paraíba a um patamar de igualdade, no

que se refere às outras afiliadas da Rede Globo no Brasil”. É o que diz o advogado e pesquisador musical José Alves Cardoso, o Dom Cardoso, que o conheceu em 1979. “Até o jeito de falar de Erialdo demonstrava responsabilidade, clareza e acuidade na apuração de uma notícia que seria vista e ouvida por milhares de telespectadores”.

“Quando ele assumiu o cargo de diretor de redação nessas duas emissoras, quem era perspicaz notava logo que o paraibano, agora, estava assistindo a um jornalismo esmerado, isento e livre das rédeas da política provinciana”, acrescenta o advogado. “Esta isenção eu notei quando as notícias criminais que envolviam os “importantes”, eram divulgadas com os nomes dos responsáveis. Erialdo, mesmo com a calma de que era dotado em todas as circunstâncias, além de profissional sério, também tinha muita coragem pessoal e editorial”, complementou.

Programação e equipe diversificada

A grade de programação inicial tinha noticiário matinal com entrevistas e notícias da política, depois, programa de esporte, outro de jornalismo e, à noite, mais informações. A equipe era composta de pessoas experientes, como Ivan Tomaz, Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, jornalistas vindo de redações de impressos, como Gisa Veiga, Naná

Garcez, Luiz Carlos Nascimento, Sílvio Osias, Werneck Barreto, e mais jovens, como Ruth Avelino, Karla Almeida, Saulo Moreno, Joaílido Mendes, ou profissionais que já tinham experiência de televisão, como José Vieira Neto e Aldo Schuller; e ainda, nomes que estreavam, como Edilane Araújo e Gerardo Rabello.

Com esse grupo inicial, Erialdo Pereira instituiu um jornalismo que cativou a audiência na televisão paraibana e se consolidou ao longo do tempo com credibilidade e um padrão de profissionalismo. Muitos outros profissionais, como Nelma Figueiredo, Maria Helena Rangel e Roberta Matias passaram pelas emissoras, sob a orientação dele, com avanços na técnica do fazer do telejornalismo paraibano.



Foto: Arquivo

Escrever menos e informar mais

“Era outubro de 1986, quando ‘desembarquei’ na mais nova emissora de televisão que estava sendo aberta na Paraíba, mais propriamente em João Pessoa. E foi aí que tive meu primeiro contato com o jornalista Erialdo Pereira, que viria a ser meu chefe. Eu, editor de um dos telejornais. Ele, o editor-geral, responsável pelo jornalismo que seria levado ao ar pela emissora”, relembra o jornalista Werneck Barreto, vindo do Jornal A União.

“De texto claro, simples e objetivo, Erialdo foi quem me ensinou a escrever o mínimo para dizer o máximo, exatamente como é necessário num texto televisivo (a minha experiência era até então jornal impresso, de textos grandes). Com seu jeito manso de falar, quase professoral, Pereira foi me moldando até que passei a desenvolver com facilidade textos curtos, compactos, mas incisivos, próprios para a linguagem de televisão”.

Para Werneck Barreto, Erialdo não chegou a implantar algo inovador em termos de televisão. O seu grande mérito, no entanto, foi montar e dirigir a melhor equipe de jornalistas do telejornalismo da Paraíba e, até, do Nordeste. Sem nenhum exagero. “Eu me orgulho de ter feito parte deste time de profissionais qualificados e que sempre procuraram (e conseguiram) dar o seu melhor e elevar o nível do jornalismo da TV Cabo Branco. Pouco interferia na escolha das pautas, que ele deixava mais para os produtores. Mas, fazia questão de textos bons e enxutos, com a informação necessária para os telespectadores.

Notícia e prestação de serviço

De acordo com o jornalista Sílvio Osias, Erialdo Pereira, a quem conheceu em 1978, estava voltando do Rio de Janeiro, após anos no Jornal do Brasil. Tinha o cabelo “black power”, a barba fechada e a ideia de fazer um filme sobre o poeta Caixa D’Água. Dalí em diante, começaram os bate-papos no La Cave da Padre Meira, no Ponto de Cem Réis, onde ambos tomavam cerveja e comiam pipoca. Profissionalmente, Osias o reencontrou na TV Cabo Branco, onde conviveu com ele por 18 anos.

“Erialdo formou equipes de profissionais e desempenhou papel fundamental na consolidação do jornalismo das TVs Cabo Branco e Paraíba. Foi o principal responsável pela definição de como seria o jornalismo das duas emissoras e esteve à frente da consolidação desse projeto”, afirma.

“Com ele ouvimos todas as vozes, dialogamos com a comunidade, valorizamos o conhecimento, investimos na memória e apostamos nas novas tecnologias”. Para Osias, os jornalistas na época, integrantes das equipes das duas afiliadas da Globo na Paraíba, devem muito a Erialdo. Convém salientar o seu nível de exigência, sua sabedoria, suas críticas, seus afagos, sua ética, seu bom senso e sua luta cotidiana pela credibilidade. Ele aliava tudo isto a um raro equilíbrio que o mantinha posicionado entre os dois polos que representavam: a equipe e a empresa.

Sílvio Osias foi chefe de redação da TV Cabo Branco, em João Pessoa, e afirma: “Fizemos jornalismo pensando na notícia e na prestação de serviço, comemorando os êxitos e administrando os obstáculos. Erialdo estava sempre guiado – e a nos guiar – por valores e conceitos permanentes, mas cada vez mais escassos”.

Faleceu aos 68 anos

Foi no dia 22 de agosto de 2016, em um hospital de Recife, que morreu o jornalista Erialdo Pereira. A época tinha 68 anos, estava internado há uma semana com problemas de insuficiência renal que evoluiu para um quadro infeccioso, tendo tido uma parada cardíaca. Foi enterrado em João Pessoa, no cemitério Senhor da Boa Sentença. Ele teve três filhos e deixou viúva Denise Sena. Foi homenageado em Campina Grande, dando nome a uma praça inaugurada em dezembro de 2016.

“Ele me ensinou a dividir assuntos numa reportagem”

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Eu (Hilton Gouvea) conheci Erialdo no ano de 1979. Quando, um dia, cheguei à redação de O Norte, ele conversava com o editor-geral, Teóclito Leal, e com o chefe de reportagem, Pedro Moreira. Iria ocupar o cargo de secretário de redação. No tempo em que passou em O Norte – uns seis meses -, pediu licença a Moreira para passar-me uma pauta. Foi sobre a Ilha do Bispo, enfocando a poluição calcária, provocada pela fuligem das chaminés da fábrica de cimento.

Descobri, por mero acaso, que cerca de 80% da população do bairro, naquela época, sofria de problemas respiratórios, segundo informou-me a médica do posto de saúde local. Ao entrevistar um “mendigo” que emprestava dinheiro a juros, este me revelou e provou, com fotos e documentos, que era ex-cabra de Antônio Silvino. Era Cascavel (não confundir com um homônimo do bando de Lampião). Então, fiz boas informações nessas andanças.

Eu já tinha certa experiência em jornal, mas fiz um samba de crioulo doído com o texto. Erialdo françou-se comigo no pequeno espaço da sala de artes, esboçou aquele compreensivo sorriso que só ele tinha e, com sua fala mansa, me passou: “Li a sua matéria. Está muito boa. Agora, faça-me um favor: Divida os assuntos, porque a história do cangaceiro e a da poluição calcária, podem ser reproduzidas por jornais do Sudeste. Dê também uma enxugadinha no texto, elimine os adjetivos e vá em frente”.

Nos ambientes das redações, pouca gente me chama de Hilton. Os amigos escolheram Gouvêia, por ser mais sonoro e fácil de pronunciar.

Erialdo me chamava Hilton. Só.

Aversão à notícia inverídica

O jornalista Aldo Schueller, que trabalhou ao lado de Erialdo na TV Cabo Branco, o definiu como aquele que trouxe para a Paraíba novos aprendizados, logicamente incorporados aos que já existiam na sua bagagem profissional. “Tinha uma capacidade invejável de aprender e guardar o que era de melhor no jornalismo”, observou. “Tratava-se de um profissional de muita visão, além de estrategista e severo, quando o assunto era dedicação. Devo acrescentar que tinha aversão à notícia inverídica”.

“Sempre o ouvi dizer: Esgote a fonte até ter a certeza do fato. Se existe dúvida, não publique. Tinha um texto magnífico, fácil. Além disso, era um cara de um grande coração. Montou e formou uma equipe grandiosa nas TVs Cabo Branco e Paraíba, da qual tive a honra de participar”.

“Sabia ouvir, cobrar, sobretudo, ensinar. Dava aula para nós. Foi com ele o início da minha carreira e de tantos jornalistas da televisão paraibana. Uns já no mercado e outros que estavam chegando. Muito do que aprendi, devo a Erialdo Pereira que, diariamente, nos ensinava: credibilidade é fator preponderante para alcançar o bom patamar profissional”, lembra Aldo.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Ranking de Quem Consegue Fazer Home office e Ainda se Aprimorar Durante a Pandemia

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada/ Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”. Os versos de Fernando Pessoa, na voz de seu heterônimo Álvaro de Campos, me parecem muito atuais nesses tempos de pandemia. A propósito: peço licença aos leitores, mas o foco desta coluna não é jornalismo. É a vida e o que nos querem impor como regra para obtenção do “selo de pessoa bem-sucedida”.

A Covid-19 está aqui: assustando, fazendo vítimas, matando. Enquanto isso, sob o manto do isolamento social, recebo diariamente mensagens que me instigam a buscar novas habilidades: otimizar meu tempo, fazer cursos on-line, ler ou reler livros, aprender um novo idioma, descobrir como falar em

público, testar uma receita diferente, acompanhar mais uma transmissão pelo Instagram/ You Tube que vai mudar a minha vida! Após tudo isso, meu nome será sucesso; sobrenome, realização!

Não sei vocês, mas estou lá atrás no “Ranking de Quem Consegue Fazer Home office e Ainda se Aprimorar Durante a Pandemia”. Desde que as regras de isolamento social começaram, na verdade, só consegui assistir a duas “lives” sobre comunicação. Minto. Não obtive êxito. Nas duas tentativas, as transmissões foram interrompidas por mensagens que chegavam no meu WhatsApp ou colegas jornalistas me telefonando. Eu também tinha um olho no texto que faltava concluir para enviar



à imprensa e outro na postagem que deveria ser feita nas redes sociais...

Ok, até vejo pessoas apontando o dedo para mim: — Você não priorizou o que realmente importa, por isso não conseguiu! Se tivesse encarado o curso, a “live” ou o livro de autoajuda como algo essenciais neste momento, teria avançado alguns lances no ranking do sucesso em tempos de pandemia. Talvez.

Bato palmas para quem consegue ser uma pessoa tão focada-capaz-obstinada nesses dias de corona. Clap-clap-clap! Mas esse ser não sou

eu! Ouso pensar (e agir) de forma diferente. Por isso, deixo de lado a busca desenfreada pelo conhecimento e opto por uma nova travessia: a pausa, o ócio, a vírgula.

Tenho trabalhado muito mais ultimamente — como a maioria de nós, imagino. Mas me reservo momentos para leite, fruição, curtir o nada. Como armar uma rede no quintal de casa e ficar observando as nuvens. Apenas.

Também leio romances e até obras sobre comunicação. Assisto a filmes bobinhos na Netflix e até a séries sobre jornalismo. Mas os temas “comunicação” e “jornalismo” não entram na minha agenda de isolamento social como uma obrigação. Já fazem parte de mim. Não são um escape, ou algo para que eu me projete profissionalmente pós-quarentena. Por que ajo assim? Por me permitir (e o tempo ensina isso) a ser humana e falível. No calendário marcado pela Covid-19, mais erro e surto do que acerto. E isso me leva a outros versos do Poema em Linha Reta — que abre este texto: Arre, estou farto de semideuses! / Onde é que há gente no mundo?

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Lúcio Cardim e Lupicínio Rodrigues

Lúcio Cardim, um cantor paulista nascido em Santos, no ano de 1932, tinha dois desgostos na vida: o primeiro era o de ter alcançado o sucesso somente aos 32 anos; e o segundo é que este mesmo sucesso - Matriz e Filial, eternizado na voz de Jamelão, a partir de 1964 e de Simone, na década de 1970-, era atribuído ao compositor Lupicínio Rodrigues. Por isso, Cardim, que morreu, quando sua música tipo dor de cotovelo começou a subir os degraus da preferência popular, dizia, nas rodas de amigos, que ganhava mais dinheiro com apostas do que com direitos autorais

Verdade. Ao compor Matriz e Filial, Cardim começou a copiar o estilo de Lupicínio Rodrigues que, em 1932, já era uma legenda no mundo musical. Esta semelhança composicional levava Cardim a reunir amigos endinheirados em cassinos, bares e buates e perguntar-lhes se alguém sabia quem era o autor do samba-canção Matriz e Filial. Quando ninguém citava o nome dele, Cardim ensinava um sorriso matreiro, distribuiu os cartões de apostas e lançava um desabafo: “Não é”, respondia. “Todos vocês estão errados”. Depois, exibia a contracapa do disco e uma certidão da gravadora, provando que ele era o autor do samba, e recolhia as apostas. El Confessava que, com essas apostas, ganhava uma nota.

Hoje em dia, qual é o boêmio, apaixonado ou frequentador de cabarés que não conhece esta canção, admirada por todos os amantes brasileiros? Este samba-canção, muito divulgado pela grande mídia, não emprestou sua popularidade ao autor, que teve vida e carreira, perseguidas

pela necessidade financeira. Paralelamente, fez composições de grande sucesso, interpretadas por Cauby Peixoto, Ângela Maria, Jamelão, Simone e outros. Começou a compor aos 16 anos.

Em 1964, mesmo com o público sempre atribuindo Matriz e Filial a outras composições do santista à caneta de Lupicínio, Cardim, incorporou -a a seu repertório oficial e nunca deixou de interpretá-la em seus shows. Morreu em 1982, em São Paulo, a cidade que amava e onde nasceu e viveu. Era incansável em esclarecer: “Fui eu quem fiz a composição de ‘Matriz e Filial. Atribuí-la a Lupicínio é apenas um equívoco”.

A confusão que o público fazia, em atribuir Matriz e Filial a Lupicínio Rodrigues, apoiava-se na linha melódica em ritmo de bolero, sempre associada ao clima de “inferninho”, e o tratamento dramático do tema paixão-rivalidade-arrepentimento? A composição ainda seria (propositalmente?) lançada por Jamelão, o intérprete preferido de Lupicínio: “Quem sou eu / pra ter direitos exclusivos sobre ela / se não eu não posso sustentar / os sonhos dela / se nada tenho e cada um vale / o que tem...”

Mas, quis a história, que o autor desses versos é e sempre foi o santista Lúcio Cardim, personagem da noite, como Lupicínio, e que integrou, em sua época, um restrito grupo de compositores paulistas, reconhecidos e gravados em outros estados. As reflexões e tiradas surpreendentes dos ambientes de cabarés, dominantes na obra de Cardim, podem ser apreciadas em “Matriz e Filial”, que ele chegou a gravar, juntamente com outras composições de sua autoria, como



“Etá, dor de cotovelo”, um LP (o único em toda a sua carreira) intitulado Obra-prima, que estourou nas paradas de sucesso, em 1978.

Até a grande mídia fazia essa confusão e citava que a canção foi feita por Lupicínio, que gostava de abordar temas de paixões desenfadadas e suplicantes em suas músicas. Matriz e Filial, por exemplo, trata de um a mulher muito amada por um admirador pobre, mas que o trocava por outro, bastando que o amante eventual, tivesse mais dinheiro. Mesmo assim, o pobretão a aceitava de volta, quando o endinheirado perdia o interesse pela mulher fatal.

Originalmente interpretado por Jamelão

e cantado pelo próprio letrista e cantor Lúcio Cardim, Matriz e Filial encaixava o rol de outras composições boêmias e dores de cotovelo, que competiam, propositalmente, com as gravações de Lupicínio Rodrigues. Isto deixava transparecer uma hábil manobra publicitária da Odeon, tanto para promover Lupicínio – que era dieter da empresa e seu nome estava em declínio – quanto Cardim, que também gravava no mesmo selo?

Ao fazer shows por países sul-americanos demonstrou simpatia especial pelas guarânias paraguaias, ele mesmo gravando algumas em castelhanho, para demonstrar ao público-fã sua intimidade com o ritmo e o idioma dos países fronteiriços com o Brasil. Quando passou a cantar na noite, por insistência do padrao empregou-se no cais do porto. Teve algumas composições gravadas em 1959. Nesse ano, Oscar Ferreira gravou na Odeon o samba-canção “A voz da razão”, com Alberto Roy.

Em 1960, teve gravadas com guarânias “Teu amor é minha vida”, parceria com Alberto Roy, por Wilson Miranda, e “Você no meu pensamento”, parceria com Mário Zan, por Valdemar Roberto, ambas na Chantecler. Em 1961, o cantor Renato Guimarães gravou a guarânia “Teus Olhinhos”, e, no ano seguinte, o samba canção “Deus perdoo”. Ainda em 1961 teve o samba canção “Juízo final”, gravado por Antônio Martins e o bolero “Sigas sorrindo”, em parceria com Paulo Augusto, gravado por José Lopes.

Nesse mesmo ano, a guarânia “Conflitos Emocionais”, foi gravada pelo cantor Mário Augusto. Em 1962, a guarânia “A Borboleta E A Flor”, com Melo Nunes, foi lançada na Continental pelo artista Luis Leão, enquanto o samba canção “Deus Perdoo” foi lançado na Chantecler por Renato Guimarães. Em 1963, o cantor José Haroldo gravou os boleros “Pergunte a Deus”, da parceria dos dois, com declamação de Muybo Cury, e Olavo Ferreira e gravou a guarânia “Tua felicidade” e o bolero “Quem perde ganha”, parcerias com Edson Nenartavis.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le ScoolediCucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Mudanças, que sejam agora!

Tenho acompanhado muitas empresas do ramo de gastronomia que estão sobrevivendo no ritmo de entregas, por conta da covid-19.

Vejo que muitas delas ainda não entenderam o sentido de ter um trabalho de delivery. Creio eu que nunca tenha tido essa experiência de trabalhar com entregas.

Mas se você está lendo e se perguntando porque não fiz isso antes, não se culpe pois não foi só você que vinha esquecendo deste modo tão simples e prático que existe em muitos lugares do mundo. E não esqueça que agora está apenas começando.

Vamos para o principal ponto, que é redução de custos. Para começar, eu não posso reduzir meu número de funcionários em uma cozinha e manter o mesmo cardápio de delivery, todo cardápio exten-

so vai gerar estoque, despesa, mão de obra, água, transporte... tudo isso são custos que automaticamente terão que repassar para seu cliente.

Essa é uma época de manter um cardápio enxuto, preço bacana, entrega se não for grátis que tenha um preço legal, e o principal manter sua rede social ligada com o seu consumidor, esse será seu maior cartão de visita e seu concorrente principal.

Vejo que em muitas vezes ainda existem empresários comparando seu horário de pico de venda, e muitos ainda chegam a falar que não está sendo bom naquele momento, mas a explicação é bem direta. Você tinha uma linha de cliente, hoje os clientes vão mudar e serem mais exigentes com preços mais baixos e curto tempo de entrega, você vai ter que se virar e esquecer o tempo antes deste da pandemia.

Hoje temos famílias ociosas, que estão nas suas casas fazendo todas as refeições, então não será fácil para eles fazerem seus pedidos, não é mais uma refeição diferente, são várias, então para isso o preço somado a quantidade e entrega têm seu valor somado na hora de fazer o pedido em casa.

Repense no que você está querendo vender, enxugar seu cardápio vai valer muito a pena nos seus custos, refaça seus valores para ganhar no montante da venda, faça seu cliente sorrir no dia da semana que você acha ruim e faça entrega grátis, reinvente com um bilhete que ninguém espera de que "Tudo vai Passar". É nesta hora que o preço pago é somado a felicidade do amor do que nós estamos vendendo.

Sei que o momento é difícil, mas reveja seus valores e atinja o máximo de venda que você queira. Sabe por que?

A internet hoje é muito forte, mas voltamos a propaganda boca a boca, ou seja, de Zap a Zap.

E vamos vender e ser feliz.

QUENTINHAS

- A Sonho Doce criou vários kits especiais para comemorações em casa. Pode ser de aniversário, de picnic, ou apenas para enviar para alguém e dizer que estar com saudades. Tudo é tão feito com carinho que até os bolos têm toppers de acordo com sua festa. Além do mais, o produto é entregue seguindo as recomendações de segurança contra o coronavírus. Para pedir o seu, basta ligar para 98786-7562.

- Aos amantes da boa pizza, a Ramos Delivery está produzindo a todo vapor. No Instagram deles (@ramos_delivery) é possível fazer pedidos e visualizar o cardápio. Se você ficou com vontade de comer neste domingo, faz o pedido pelo número 98641-3348, que é WhatsApp. A pizza chega muito rápido e bem quentinha.

- Quem ganhou uns quilinhos a mais e quer fazer um detox, indico os produtos do Shake Pátio Altiplano. Com serviço de delivery e drive-thru, eles montam combos saudáveis (e muito gostosos), para quem deseja eliminar esse peso extra. Quem ficou com vontade, pode entrar em contato com eles através do WhatsApp 99103-5027.

- Existem pessoas que querem salvar vidas e este jornalista já faço parte deste grupo! E você, quer ser uma delas? Juntos vamos ajudar quem mais está sofrendo com o coronavírus; E estes são os mais necessitados, os que vivem nas ruas de nossa capital. São doações de mais de 500 burgers que estamos já fazendo semanalmente, e sua ajuda para isso é muito importante, seja mais um nessa obra divina: contato Carlos Jr: 99669-6743 (WhatsApp). #juntosomsmaisfortes Parceiros: @carlosjrlanches @sandubadocareca @qualigas_gas_industria @copyworkpb @haruanne @aquitemjampa @fan_pizza_delivery @onlineparaiba @waltinhoulysses

PRATO DO DIA

Rocambole de carne

Ingredientes

- 1kg de carne moída
- 1 envelope de creme de cebola
- 6 fatias de bacon
- 200 gramas de muçarela
- 200 gramas de presunto
- 200 gramas de azeitonas sem caroço
- 1 copo de requeijão
- 1 cebola ralada
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Azeite
- Plástico filme

Modo de preparo

Lave a carne moída e escorra a água. Em um recipiente coloque a carne já escorrida junto com o creme de cebola, a cebola ralada, o sal e os temperos a gosto. Misture bem até ficar bem consistente, na mesa estique o plástico filme e coloque a carne em cima do plástico. Abra bem a carne (tome cuidado para não deixar muito fina para não quebrar) e depois recheie com a muçarela, presunto, o bacon, as azeitonas e um pouco de azeite. Com a ajuda do plástico filme enrole a carne como um rocambole, do tamanho da sua forma cuidadosamente. Coloque a carne enrolada em uma forma untada o fundo com azeite com a emenda para baixo. Depois espalhe o requeijão por cima da carne com algumas fatias de muçarela e leve para assar por aproximadamente 1 hora ou até a carne não estiver mais crua. Acompanha com batatas cozidas e temperadas com ervas.



Foto: Arquivo pessoal

PITADAS A GOSTO

O rocambole, torta ou rolo suíço é um bolo em forma cilíndrica.

Feito de várias maneiras e tipos como massa comum de bolo, a cobertura é passada sobre o bolo, para que este seja então enrolado sobre si mesmo.

Diferente de um bolo de camadas, o rocambole é feito de uma única peça de bolo. Os recheios podem ser diversos, desde carnes bovina, suína, frutos do mar... (nos salgados) e os doces (como a goiabada, doce de leite...).

O bolo-de-rolô, uma espécie de rocambole com camadas finíssimas de pão-de-ló, é um doce brasileiro, originário de Pernambuco, reconhecido como patrimônio cultural e imaterial do Estado, em 2007, através da Lei Ordinária nº 13.436 de 2008. Sua origem está na adaptação do bolo português "colchão de noiva", uma espécie de pão de ló enrolado em camadas grossas como um rocambole, com recheio de amêndoas. Ao chegarem aqui, os portugueses passaram a trocar o recheio pela goiaba, fruta abundante na Zona da Mata, sempre dosada com muito açúcar dos engenhos da região. Houve modificações no preparo da massa, que passou a ser enrolada em camadas cada vez mais finas. Ao final, o bolo ficou parecido com um rolo, daí a origem do seu nome. Até hoje é comum polvilhar-se o bolo de rolo com açúcar em sua camada externa, arretratando a apresentação da sobremesa.